



BREVE ENSAIO ISAGÓGICO SOBRE O APOCALIPSE

Ulisses Horta Simões¹⁴⁶

RESUMO: Neste artigo, o autor trabalha os elementos isagógicos do livro do Apocalipse: canonicidade, autoria, objetivo, data, leitores originais, natureza literária. Opta por dedicar maior estudo às questões da data e dos leitores originais, em decorrência do princípio hermenêutico do método histórico-gramatical. Em decorrência, analisa evidências internas e externas ao Apocalipse para propor que a autoria apostólica joanina, ao tempo do imperador Domiciano, é a melhor hipótese para se situar o contexto do livro. Conclui propondo que as três finalidades da profecia apontadas pelo apóstolo Paulo devem ser aplicadas também ao Apocalipse, à luz do contexto identificado, para que o seu intérprete produza as melhores explicações e aplicações do livro.

PALAVRAS-CHAVE: Apocalipse, Profecia, Hermenêutica, Método histórico-gramatical, Introdução.

ANOTAÇÕES PRELIMINARES

“Isagoge” é palavra pouco conhecida no léxico geral da língua portuguesa; é utilizada, mas não comumente, em certos círculos de conhecimento, inclusive o teológico. Significa introdução, exórdio. Provém da palavra grega *eisagôgê*, que, por seu turno, compõe-se de dois elementos: a preposição *eis*, que significa “para dentro de”, e *agôgê*, que significa “condução”. Se associarmos na lembrança a palavra “pedagogia”, mui literalmente “condução da criança”, poderemos concluir que *agôgê* comporta um componente semântico ligado ao ensino-aprendizado. Logo, é possível entender isagoge como ensino-aprendizado introdutório, exordial a algum conteúdo de estudo.

Este trabalho não pretende mais do que seu título sugere: apresentar-se como um pequeno ensaio isagógico sobre o livro bíblico do Apocalipse, com atenção sobre seus principais elementos: canonicidade, autoria, objetivo, data, leitores originais, natureza literária. De todos esses elementos isagógicos, um se

¹⁴⁶ Ministro presbiteriano brasileiro, Th.M., professor na FITRef.

torna eleito neste artigo para receber maior atenção do que os demais. Aliás, por estarem intimamente conectados, melhor dizer que são dois elementos: data e leitores originais. A razão da escolha desses dois elementos para maior concentração da atenção reside simplesmente no fato de que são os mais controversos. Os demais – canonicidade, autoria, objetivo, natureza literária, embora ainda alvos de certas controvérsias, são estas em muito menor magnitude do que os dois aqui eleitos. Por esta razão, serão aqui abordados de forma mais sumária.

É público e notório que tempos de maior expectativa quanto aos destinos da humanidade reacendem, por vezes com alto vigor, o interesse nas questões apocalípticas. Segue-se um fato ilustrativo. Quando a Segunda Guerra Mundial estava chegando ao seu ocaso na Europa, ainda estava em plena efervescência no entorno do Oceano Pacífico. O lançamento das duas bombas atômicas no Japão – Hiroshima, em 06 de agosto de 1945 e Nagasaki, três dias depois – foi favor preponderante para encerrá-la também naquele espaço global. A rendição nipônica se deu em 02 de setembro do mesmo ano. Era o começo de uma grande ameaça mundial: a ameaça nuclear.

Pouco tempo depois, respirando essa atmosfera cataclísmica, um grupo de cientistas ligados à Universidade de Chicago criou o projeto *Doomsday Clock* (o Relógio do Dia do Juízo, em tradução livre). Trata-se de um relógio simbólico, que mostra, em horas ou minutos, uma estimativa do tempo que falta para uma catástrofe global que ameace a existência da humanidade; seria a hora da meia-noite. Em outras palavras, as mudanças dos ponteiros são procedidas em função do nível de ameaças do tempo presente.

Quando a ideia foi concebida, em junho de 1947, o relógio iconográfico foi mostrado ao público e apareceu com sete minutos faltando para a meia-noite. De lá para cá, o ponteiro de minutos já foi adiantado ou atrasado algumas vezes. Neste mês de janeiro do ano de 2024, alcançou a preocupante marcação história de apenas menos 90 segundos. É a marcação mais próxima da meia-noite, em todos esses anos. Isto significa que se estima a humanidade muito próximo de qualquer catástrofe global – mais do que em qualquer tempo, desde 1947.

Os quatro fatores que mais atenção têm merecido do *Doomsday Clock* são: a ameaça nuclear (há, atualmente, pelo menos duas guerras sob esse teórico risco), a ameaça com mudanças climáticas (terremotos, tsunamis e vulcões), a ameaça com a biossegurança (pandemias, epidemias, experimentos científicos deletérios) e a recente ameaça de tecnologias disruptivas (como é o caso dos temores quanto a desdobramentos da Inteligência Artificial). Inevitavelmente, tempos que colocam em evidência esses temores e riscos têm o condão de induzir pensamentos e reflexões apocalípticos.

Por que esse fato contemporâneo introduz, na forma de ilustração, este artigo? Pela razão já mencionada: estamos vivendo tempos de alta inquietação

quanto ao futuro; futuro da humanidade, futuro dos nossos filhos e netos, e daí em diante. Nesse contexto, infinitamente mais do que o quase lendário Nostradamus (1503-1566), o Apocalipse merece atenção redobrada. O seu estudo adequado, pertinente, exegética e teologicamente condizente com as razões determinadas por Deus para que o livro se integrasse ao cânon (portanto, útil em todos os tempos e lugares até à volta de Cristo), evitam desvios e cumprem o papel profético: edificar, exortar e consolar (1Co 14.3).

Preliminarmente, é preciso assinalar que este artigo não carrega consigo a pretensão de satisfazer eruditos; seria muita petulância e muita presunção do autor. Antes, dirige-se a leitores interessados no Apocalipse, sem que necessariamente sejam treinados nos veios profundos da erudição bíblica, posto que certamente careceria de bem mais profundo conteúdo e bem mais densa substância. Não que eruditos e acadêmicos sejam, *a priori*, desestimulados a lê-lo; podem ficar à vontade para fazê-lo. Entretanto, desde já ficam cientes de que as limitações do autor se tornam, *a priori*, barreiras para que lhes ofereça o tanto que gostariam de encontrar, e até mereceriam.

Não necessariamente a ordem de abordagem se prende à ordem que aparece no texto acima. Buscar elucidação quanto à data certamente contribui para com a elucidação quanto aos leitores originais, isto é, o contexto primário. Contudo, dependendo dos componentes textuais e históricos sob investigação, o contrário pode também acontecer: indicativos quanto aos leitores originais contribuem, inexoravelmente, para com a elucidação de data.

Em termos bem realistas, pode-se dizer que a data que um intérprete eleger para o livro extinguirá as possibilidades de identificação do contexto primário, isto é, leitores originais, usualmente assumidos pelo intérprete que escolher outra data; e a recíproca também é geralmente verdadeira: o contexto primário assumido pelo intérprete estará praticamente selando a sua escolha de data, em detrimento das demais opções. Por conta disso, não é impróprio que esses dois elementos sejam investigados conjuntamente, como numa simbiose isagógica. E, como desdobramento, o entendimento e as aplicações do que o livro contém serão mais bem apropriados.

CANONICIDADE DO APOCALIPSE

Muito já se discutiu sobre a canonicidade do Apocalipse. Sem entrar na controvérsia quanto ao cânon do Antigo Testamento, é geralmente aceito que o Terceiro Concílio de Cartago, um concílio regional havido em 397 A.D., firmou o cânon dos 27 livros do Novo Testamento, o que inclui o Apocalipse.¹⁴⁷

A canonicidade do Apocalipse é reconhecida desde tempos primitivos da presente era. Como exemplo inicial, o Pai da Igreja e apologista Justino Mártir

¹⁴⁷ Posteriormente, concílios universais ou ecumênicos ratificaram Cartago III sobre o cânon do NT; mesmo o romanista Concílio de Trento (1546-1563).

(c.100-c.165). No capítulo 81 de sua obra *Diálogo com Trifo*, escrito entre 155 e 160, Justino faz menção de que “viveu entre nós um certo homem, cujo nome era João, um dos apóstolos de Cristo, o qual profetizou, por meio da revelação dada a ele, que aqueles que cressem em nosso Cristo habitariam mil anos em Jerusalém; e que depois disso, teria lugar a ressurreição e o julgamento geral...”.¹⁴⁸

No século XVIII, um estudioso chamado Ludovico Antonio Muratori (1672-1750) descobriu, na Biblioteca Ambrosiana de Milão, um fragmento manuscrito cuja data é estimada em 170 A.D., e que contém a lista dos livros do cânon neotestamentário, na concepção do desconhecido autor do texto. Trata-se, portanto, talvez da mais antiga lista desse cânon, e nele consta o “Apocalipse de João”. Esse documento, publicado em 1740, se tornou conhecido como Cânon Muratoriano.

Entre demais Pais da Igreja que dão sustentação à inclusão do Apocalipse no cânon do NT, estão: Irineu de Lion (c.130-c.202), discípulo de Policarpo de Esmirna (c.69-c.155), que fora discípulo do apóstolo João, em *Contra Heresias* 3.11.1, 4.20.1 e 5.35.2; Clemente de Alexandria (c.150-c.215), em *Quem é o Homem Rico que Será Salvo*, 42 e também em *Miscelâneas* 6.106,107; Tertuliano de Cartago (c.160-c.220), em *Contra Marciano* 3.14.3; Hipólito de Roma (c.170-c.236), no *Tratado Sobre Cristo e o Anticristo* 35, 36 e, ainda, Orígenes de Alexandria (c.185-c.250), em seu *Comentário ao Evangelho de João*, Livro V, 3, onde explicitamente menciona o apóstolo João como autor do livro do Apocalipse no cânon do NT.

Ainda assim, iminentes figuras da História da Teologia já suspeitaram ou duvidaram de sua canonicidade. É fato que, ao longo dos séculos, incluindo até mesmo tempos da Reforma, houve quem suscitasse dúvidas sobre a canonicidade do Apocalipse. Talvez, parte dessas dúvidas seria decorrente da enorme dificuldade de se interpretar o livro, e dos aparentes conflitos que a interpretação pode produzir, conforme a matriz adotada. O caso mais célebre é do reformador Martinho Lutero (1483-1546).

Lutero, ao se referir ao cânon do NT, colocou o livro do Apocalipse, juntamente com mais alguns, numa lista separada. Para Lutero, havia certo grau de arrogância no autor do Apocalipse, em cujo escrito lhe pareceu ter Cristo ficado com projeção diminuída aos olhos do crente comum. No prefácio do seu comentário sobre o livro, escrito em 1522, Lutero confessa sua dificuldade em ajustar seu próprio espírito humano ao teor do livro, no qual ele não conseguia ver Cristo explicitamente ensinado ou tornado conhecido.

Aparentemente, Zuínglio (1484-1531) também tinha sérias dificuldades com a canonicidade do Apocalipse, mas por razão diversa de Lutero. Sendo o Reformador que cultivou a mais contundente aversão ao romanismo, Zuínglio

¹⁴⁸ JUSTINO MÁRTIR *apud* SCHAFF, Philip. *The Complete Ante-Nicene Church Fathers Collection* (9 vols). New York, 1886. Disponível em: <https://ccel.org/fathers>. Acesso em: 23 jan. 2024.

apontava suas dificuldades com o que considerava excesso de simbolismo e de misticismo no livro, o que muito identificou com o ritualismo romano.

Já Calvino, embora não tenha escrito comentário sobre o Apocalipse, não apresentou qualquer objeção à sua inspiração e canonicidade. A suspeita que alguns levantam contra a eventual rejeição de Calvino ao Apocalipse, decorrente da falta do comentário, é totalmente infundada: Calvino, que viveu apenas 55 anos, também não deixou comentários sobre as epístolas segunda e terceira de João, assim como de alguns livros do Antigo Testamento. As mais precisas biografias de Calvino dão conta que, ao tempo de sua ida para Genebra, estava envolvido em trabalho de revisão da tradução francesa da Bíblia feita por seu primo Pierre Robert Olivétan (1506-1538). Tal tradução incluía, sem reserva, o livro do Apocalipse. Na obra magna de Calvino, as *Institutas*, há pelo menos quatorze referências apontadas ao Apocalipse. Por exemplo: no tópico 5 do capítulo 25 do Livro III, tratando sobre o tema da Ressurreição, Calvino traz explícito ensinamento sobre o seu entendimento quanto aos “mil anos” do capítulo 20.

Por fim, é digno de registro que as confissões da Reforma reconhecem claramente, seja por lista explícita ou seja por referências citadas, a canonicidade do livro do Apocalipse.

AUTORIA DO APOCALIPSE

Pelo texto bíblico, o que se sabe sobre o autor, fora de qualquer discussão? Primeiramente, sabe-se o seu nome: é João (1.1; 1.4; 1.9 e 22.8). Só esse primeiro fato escriturístico é suficiente para deixar de fora uma grande quantidade de supostos autores, restringindo a poucos detentores deste nome.

Em segundo lugar, o autor autodenominado João reivindica, ainda no primeiro capítulo, que recebeu revelações da parte de Deus, por meio do “seu anjo”, mas também que era transmissor de revelação da parte dos “*sete espíritos que se acham diante do trono*”, e também “*da parte de Jesus Cristo*”. Também, que ele foi envolvido pelo Espírito de Deus na revelação recebida. O verso 10 declara que João, no Dia do Senhor, achou-se “*em Espírito*”, ou “*no Espírito*”. Neste particular, a língua grega precisa ser interpretada para tradução. A expressão grega nos aparece nos manuscritos de duas formas: somente (e totalmente) em caracteres maiúsculos, EN PNEUMATI – os unciais – ou somente (e totalmente) em caracteres minúsculos, *en pneumati* – os cursivos. Não existe manuscrito em que a primeira letra da palavra *pneumati* ocorra maiúscula, trazendo o restante em minúsculos. Se assim ocorresse, não deixaria dúvida para traduzir-se “Espírito”, com “E” maiúsculo, apontando para a terceira pessoa da trindade.

É pelo contexto e pela teologia do texto bíblico todo que o tradutor em português escolhe “E” ou “e” para a palavra. Se escolher “E”, estará interpretando que se trata da terceira pessoa da trindade; mas, se escolher “e”, estará

interpretando algo similar ao estado de êxtase pessoal, algo como uma inspiração dinâmica, alheia aos sentidos naturais. Por isto, determinadas versões escolhem grafar a primeira letra de forma maiúscula, identificando a interpretação, isto é, o Espírito Santo. Assim encontramos nas versões em língua portuguesa Almeida Revista de Corrigida Fiel e Nova Versão Internacional, por exemplo; o mesmo ocorre nas traduções de língua inglesa *King James Version, New International Version, Revised Standard Version* e *World English Bible*, por exemplo. Igualmente, na versão espanhola Reina Valera. Com essa opção, fica claro que o autor reivindica ser alvo da inspiração do Espírito Santo, quanto às visões que recebeu. É esta a preferência hermenêutica também do autor deste ensaio. João estava a declarar que foi de algum modo tomado pelo Espírito de Deus para receber as revelações e, por conseguinte, para a tarefa da escrituração do livro.

Em terceiro lugar, ele tem foco nas sete igrejas da província da Ásia (1.4), com as quais revela ter alguma familiaridade, porquanto seu “irmão e companheiro no sofrimento, no Reino e na perseverança em Jesus” (1.9). E, uma vez que as sete igrejas são explicitamente identificadas nos capítulos 2 e 3, fica claro que esse João guardava alguma forma de relacionamento histórico com tais igrejas, o que exclui mais uma quantidade de pessoas, ainda que homônimas.

Por último, esse autor denominado João se declara fisicamente presente na ilha de Patmos, exatamente em decorrência do testemunho de Jesus Cristo e do sofrimento pelo Reino de Deus. Trata-se de um detalhe em particular que não pode ser elucidado pelo restante do texto do Apocalipse, porquanto nada mais é dito sobre isto; tampouco pelo restante da Escritura.

Certamente os leitores originais, vale dizer, os destinatários nas sete igrejas, não precisariam recorrer a nenhum testemunho externo sobre quem era aquele “João”. A forma como a missiva se apresenta não deixa dúvidas de que o autor lhes era familiar e contemporâneo. Afinal, o privilégio que eles tinham, por pertencer ao mesmo tempo e ao mesmo convívio, dispensava plena e suficientemente qualquer investigação externa para identificar quem era aquele “João”.

Não é propriamente o nosso caso. Estamos muitos séculos separados daquele contexto histórico, sem contar a geografia. Em nosso socorro vêm os estudos dos eruditos e de textos patrísticos, que esmagadoramente identificam aquele “João” com o apóstolo – o último ainda vivo. Por conta disso, o apontam como o discípulo e apóstolo do Senhor, filho de Zebedeu, irmão de Tiago.

Contra essa hipótese, alguns suscitam como objeção o fato de que o estilo de linguagem do Apocalipse, em língua grega, difere em determinados aspectos em relação aos demais escritos de João. Essas diferenças linguísticas são o principal argumento. Contudo, estudiosos extremamente credenciados contornam a objeção acima citada com hipóteses não irrealistas: o registro escrito joanino pode ter sido feito por um amanuense em seu favor. Outra mui possível

explicação é de que João era o próprio amanuense, uma vez que ele estava recebendo visões, revelações que ele deveria escrever (ver capítulo 1, verso 19). A propósito, pelo menos duas vezes, uma no início (1.1) e outra no fim (22.8), João declara que ouviu e escreveu o que recebeu da parte do anjo. Portanto, não é alheio às possibilidades que o estilo do que foi escrito tenha sido originalmente modelado pelas palavras do anjo da revelação.

Quando recorremos ao testemunho histórico externo, este é maciçamente favorável a João, o apóstolo do Senhor. Antes, neste texto, já foi citado Justino Mártir, em seu Diálogo com Trifo, escrito entre 155 e 160, falando sobre a doutrina da ressurreição: “viveu entre nós um certo homem, cujo nome era João, um dos apóstolos de Cristo, o qual profetizou, por meio da revelação dada a ele...”.

Irineu de Lion (c.130-c.202) escreveu em sua obra *Contra Heresias* (c. 180 A.D.): “João, o discípulo do Senhor, quando contemplando o advento glorioso e sacerdotal do Seu reino, diz no Apocalipse...”; daí, cita Apocalipse 1.12. Ainda Irineu, na mesma obra, diz: “Então, novamente, a Igreja de Éfeso, fundada por Paulo, e tendo João remanescido entre eles permanentemente até os tempos de Trajano, é um verdadeiro testemunho da tradição dos apóstolos”. (*Contra Heresias*, Livro III, final do capítulo 3). À guisa de esclarecimento, Trajano se tornou imperador romano no ano 98 do primeiro século da presente era.

Tertuliano de Cartago (c.160-c.220), em *Contra Marcião* 3.14.3, registra: “Já o Apóstolo João, no Apocalipse, descreve a espada que procede da boca de Deus...”.

Hipólito de Roma (c.170-c.236), no seu *Tratado Sobre Cristo e o Anticristo*, capítulo 36, escreveu: “Pois ele [João, tal como citado no capítulo precedente] vê, quando na ilha de Patmos, uma revelação dos impressionantes mistérios, os quais ele reconta livremente, e torna conhecidos de outros. Dize-me, bendito João, apóstolo e discípulo do Senhor, o que você viu e ouviu a respeito da Babilônia?”

Orígenes de Alexandria (c.185-c.250), em seu *Comentário ao Evangelho de João*, Livro V, 3, testifica: “O que diremos daquele que se reclinou ao peito de Jesus, a saber, João, que deixou um Evangelho, embora confessando que poderia fazer tantos que o mundo não os conteria? Mas ele escreveu também o Apocalipse, recebendo a ordem de ficar silente e de não escrever as vozes dos sete trovões”.

Para citar mais um, que nos fale o grande historiador da igreja antiga, Eusébio de Cesareia¹⁴⁹ (c.265-339):

¹⁴⁹ Eusébio pertenceu ao quarto século. É relevante assinalar que uma investigação mais acurada nos registros da sua *História Eclesiástica* remete de forma explícita a uma fonte escrita que ele tinha em sua ampla biblioteca em Cesareia e à qual recorreu: Hegésipo (c.110-c.180), conhecido como Hegésipo, o Nazareno. Os escritos de Hegésipo se perderam, exceto por uma parte de seu tratado chamado *Hypomnemata* (Memórias), preservada pelas citações do próprio Eusébio em sua *História Eclesiástica*. Certamente um judeu convertido ao cristianismo, Hegésipo mostra em suas *Memórias* um tratado histórico com registros que se iniciaram na morte de Jesus, estendendo-se

“Há ampla evidência de que naquele tempo [referindo-se ao tempo do imperador Domiciano, ao final do primeiro século] o apóstolo e evangelista João ainda estava vivo e, por causa do seu testemunho em favor da palavra de Deus, foi sentenciado à prisão na ilha de Patmos. Escrevendo sobre o número do nome dado ao anticristo no que é chamado de Apocalipse [Revelação] de João, Irineu tem isto a dizer sobre João, no Livro V de sua [obra] *Contra Heresias*: ‘Se houvesse alguma necessidade de seu nome ser anunciado abertamente no tempo presente, ele teria sido declarado por quem viu a revelação real. Pois isso foi visto há não muito tempo, mas quase durante minha vida, no final do reinado de Domiciano’.¹⁵⁰

Portanto, sem mais dúvidas: o autor era João, discípulo e apóstolo de Jesus!

OBJETIVOS DO APOCALIPSE

Nomes de livros costumam ser escolhidos por seus respectivos autores como um elo de identificação expressivo e sumário quanto à obra. Isto também ocorre com vários comentaristas do Apocalipse. Diferentes autores de textos sobre o Apocalipse adotam diferentes figuras do livro para atribuir diferentes nomes aos seus textos. William Hendriksen (1900-1982) nominou seu comentário com o título *Mais Que Vencedores (More Than Conquerors)*, certamente procurando destacar a vitória final que os remidos hão de usufruir junto ao Senhor vitorioso; Ray Summers (1910-1992) nominou sua obra com o título *Digno é o Cordeiro (Worthy is the Lamb)*, certamente adotando a expressão do cântico dos anjos, dos anciãos e dos seres viventes, do quinto capítulo do Apocalipse.

Michael Wilcock (1932-...) pensa ao título do seu comentário a expressão de Apocalipse 19:11 – *Eu Vi o Céu Aberto*. Vern S. Poythress (1946-...) nomina seu comentário *O Rei que Está Voltando (The Returning King)*. Dennis E. Johnson (1948-...) designa sua obra como *O Triunfo do Cordeiro (Triumph of the Lamb)*. G. K. Beale (1949-...) teve sua obra publicada com tradução em Português, à qual se deu o título *Brado de Vitória*. Vários comentários buscam lastro para seus títulos nas palavras iniciais do próprio Apocalipse, a saber, primeiro versículo do primeiro capítulo, denominando suas produções como Revelação (ou, por exemplo, *Apocalypsis*, da palavra grega assim traduzida), com frequência associando-os ao nome de João.

Todas as figuras são apropriadas e válidas, no afã de apontar um elemento destacado do texto, o que também identifica objetivo (ou objetivos). Se o ensaísta

ao tempo em que escreveu, provavelmente por volta de 155. Isto torna Hegésipo uma fonte antecedente em cerca de 30 anos ao próprio Irineu de Lion.

¹⁵⁰ EUSÉBIO DE CESAREIA, *História Eclesiástica*, 3.18.

deste presente e singelo artigo estivesse para escolher um título para eventual trabalho de interpretação do Apocalipse, escolheria “*A Noiva e a Meretriz*”. Essa escolha recai sobre o contraste que o livro de Apocalipse exhibe entre duas figuras femininas: a simbólica meretriz do capítulo 17 e a simbólica noiva do capítulo 19. Essas duas figuras femininas se destacam pela frontal oposição do que representam no livro canônico. Enquanto a meretriz do capítulo 17 é execrada por sua luxúria, suas abominações e sua prostituição, embriagada com o sangue dos mártires, a noiva do capítulo 19 é adornada para as bodas com o Cordeiro; ela é vista pelo visionário apóstolo-profeta novamente no capítulo 21, onde é descrita em sua glória e fulgor. A meretriz do capítulo 17 é uma grande cidade, do tempo da revelação apocalíptica, cuja reputação é negativa e que domina sobre os reis da terra; a noiva do capítulo 19 é também uma ‘cidade’: a cidade santa que desce do céu, a nova Jerusalém, que se apresenta qual noiva adornada para seu matrimônio. A meretriz pertence à habitação dos ímpios que seguem a besta profana; a noiva pertence à habitação dos santos que se juntarão ao Cordeiro nas bodas para viver a eternidade.

“*A Noiva e a Meretriz*” seria, portanto, uma proposta de expressão peculiar a apontar para um dos mais notáveis contrastes do Apocalipse de João. Trata-se do contraste que distingue os fiéis de Cristo, que lhes dá o tom de esperança em meio às lutas de aqui, face à glória de além. É o contraste que opõe forças malignas em torno daquela rameira às forças angelicais em torno do Ancião de Dias. A duração das forças malignas aliadas à meretriz parece ir além do suportável; apenas parece! O Ancião de Dias é o Cordeiro que venceu e que abrirá o livro com os nomes dos cordeiros com ele. O contraste retrata, com tom majestosamente confortante, a batalha no mundo espiritual na qual a Noiva também se torna triunfante, enquanto a Meretriz é vencida e condenada junto com seus mentores: o dragão e as duas bestas. No fim da narrativa épica, a noiva se transforma em esposa, e as bodas selam a sua união com o Cordeiro triunfante.

Entretanto, por óbvio há muito mais a ser dito do que contrastes. Foi muito feliz o comentarista Gregory Beale quando procurou colocar em destaque as conexões do texto do Apocalipse com diversos registros do Antigo Testamento:¹⁵¹

Estudiosos estimam que, dos 404 versículos do Apocalipse, 278¹⁵² contêm referências ao AT (em comparação com menos de duzentas em todas as cartas de Paulo). São alusões (ainda que relativamente reconhecíveis), e não citações diretas. Por exemplo, o que João vê em 1.12-18 é o mesmo que Daniel viu

¹⁵¹ G. K. Beale escreveu duas obras sobre o Apocalipse: uma ampla, *The Book of Revelation: a commentary on the Greek Text*, Grand Rapids, William B. Eerdmans Pub. Co., 1999 e a obra de conteúdo abreviado extraído da primeira: *Revelation, A Shorter Commentary*, mesma editora, 2013. Esta última versão está publicada em português sob o título *Brado de Vitória: um breve comentário do livro do Apocalipse*, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2017.

¹⁵² Portanto, perto de 70%.

na sua visão do Filho do homem e que Isaías mencionou na sua profecia a respeito do Servo do Senhor, cuja boca é uma espada afiada...¹⁵³

Por essa acertada percepção, é fácil compreender que, embora o Apocalipse seja livro primariamente endereçado a uma comunidade de crentes em território não judeu, a compreensão de seu teor se aprofunda e se aproxima da intenção divina quando adequadamente se encontram fatos do cumprimento daquele *background* veterotestamentário. O livro assegura que todas as profecias escatológicas do Antigo Testamento se encontram em pleno cumprimento a partir de então, tempo designado como os *últimos dias*. A inauguração dos *últimos dias* se deu no tempo do primeiro advento de Cristo, que começa com a encarnação; a consumação dos *últimos dias* se dará no tempo da vitória final do Rei dos reis, sobre o dragão, sobre as duas bestas que trabalham por ele, sobre a grande meretriz e todos que os seguem.

É, portanto, um livro profético, direcionado ao povo de Deus posterior ao primeiro advento de Cristo. Esse povo de Deus, seja de que época for, faz bem em perceber que as profecias do Antigo Testamento vão se cumprindo no período em que o livro encontra sua relevância. E que período é esse? Sem dúvida alguma, o povo de Deus contemporâneo à escrita do livro se beneficia em primeiro lugar e de um modo muito particular. Mas, há muito no livro que também remete benefícios maravilhosos aos discípulos-leitores de todas as demais gerações sucessoras: um cíclico e sucessivo caminhar pela história da era presente, desde o começo ao seu fim.

Entendamos de um modo singular o que acaba de ser dito: sabemos que uma das palavras gregas para designar a segunda vinda de Cristo a este mundo é *parousia*; traduz a ideia de uma vinda física, presencial, uma *chegada* de Cristo no mundo. Sob este entendimento, a sua encarnação foi uma primeira *parousia*; e a segunda *parousia* está por acontecer no fim dos tempos. O que se vê no Apocalipse é uma sucessão cíclica de movimentos descritivos que vão da primeira à segunda *parousias*. Embora esses movimentos cíclicos sejam recheados de eventos adversos, de lutas, de desafios, a síntese do Apocalipse mostra que eles são temporários e superáveis, face à eternidade gloriosa na qual o Cordeiro de Deus há de inserir os remidos. Há um quadro dramático; mas há um desfecho triunfal confortante.

NATUREZA LITERÁRIA DO APOCALIPSE

Os estudiosos que podemos reputar por melhores quanto ao livro do Apocalipse concordam em identificar alguns elementos distintivos da natureza literária deste livro. O primeiro deles é o de uma *revelação* num sentido mais

¹⁵³ BEALE, Gregory K. *Brado de vitória: um breve comentário do Apocalipse*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017, p. 1.

estrito da palavra. Logo no primeiro versículo, João identifica o que está escrevendo: *revelação de Jesus Cristo*, concernente a *coisas que em breve devem acontecer*, o que ele recebe proveniente do Senhor Jesus. E, qual o sentido mais estrito da palavra? Reside precisamente no fato de que os escritos se referem a coisas que ainda não aconteceram, mas que *em breve devem acontecer*. Portanto, essa revelação tem caráter sumamente profético (cap. 1, verso 3), no senso mais estrito.

Outro elemento notório identificado pelos melhores estudiosos é o teor apocalíptico. *Apocalipsis* é outra palavra de origem grega, e que se refere ao desvendamento de fatos ainda não conhecidos. É, de fato, a primeira palavra do livro, traduzida em português como “Revelação”. No entanto, o uso corriqueiro da palavra e os adjetivos dela derivados passaram, com o tempo, a ser identificados com previsões do fim, não raro associadas a cenários adversos. Sem dúvida que o verso 19 do capítulo 1 menciona *coisas que tens visto, e as que são, e as que hão de ocorrer depois destas* (em tradução livre). Não obstante a diversidade de apontamentos sobre essas três instâncias, não resta dúvida de que há algo no passado, no presente e no futuro. No entanto, também parece fora de dúvida que o futuro tem maior volume nestas revelações proféticas, seja ele futuro próximo ou distante. Muitos consideram esse versículo a chave hermenêutica do livro.

Outro elemento indiscutível é a carga de componentes literários de feição figurada e simbólica. Ali estão registradas figuras literárias numéricas: quatro são as criaturas viventes, os anjos anunciadores, os cantos da terra; sete são as igrejas, as taças, os selos, as trombetas, os trovões, os espíritos de Deus, as estrelas, os candelabros, os olhos e os chifres do Cordeiro, as cabeças do dragão, etc...; seis é o número que se repete em unidades, dezenas e centenas para identificar como *seiscentos e sessenta e seis* o número da besta no capítulo 13; doze (ou seus múltiplos) identificam a mulher coroada e vestida do sol, seu adorno com estrelas, as portas da cidade celestial, os anjos que as guardam, os fundamentos da cidade, as tribos, os apóstolos, os frutos da árvore da vida, etc... Doze em dose dupla designa os tronos e os anciãos que os ocupam. Cores também são simbólicas no Apocalipse: vermelho, branco, púrpura, preto, amarelo... Animais, inclusive alguns imaginários, representam entes ou realidades no Apocalipse. Cada símbolo, cada figura, preenche um requisito profético.

Também há uma característica literária específica para o Apocalipse, vale dizer, seu gênero épico. O Apocalipse descortina um enredo intenso que envolve toda a humanidade, bem como poderes e potestades do mundo espiritual, como num grande drama mundial – uma epopéia. A palavra *epopeia* denota uma narrativa de grande intensidade e ação, com feições heroicas encontradas em um ou mais personagens, e com um cenário de confrontação ou mesmo de guerra. A palavra se encaixa muito adequadamente para designar o gênero literário do Apocalipse. O grande herói é Jesus Cristo, o *Leão da Tribo de Judá*, o *Cordeiro*, o

filho varão, o Rei dos reis, o cavaleiro Fiel, o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, a Brilhante Estrela da Manhã. O seu adversário é o dragão, a antiga serpente, que tem a serviço seus asseclas. Nesse épico, nessa epopeia, o clímax é a vitória cabal do Cordeiro, com quem a noiva – sua igreja – se torna definitivamente unida nas bodas.

MATRIZES HERMENÊUTICAS DO APOCALIPSE

A interpretação do Apocalipse tem, ao longo desses quase 20 séculos, variadas correntes, variadas linhas, variados matizes... É notório que os partidários de tais correntes se esforçam sobremaneira para elaborar bem suas defesas, e até o fazem. Por exemplo: um defensor da corrente futurista consegue alinhar muito bons argumentos em favor de sua tese; mas um defensor da corrente preterista, ou um da corrente historicista também consegue. E com que paixão cada um consegue! Não é raro que o leitor que examina cada linha de interpretação fique confuso, carente de facilidade para decidir qual escolher para si. Para aqueles que não se dão ao trabalho de avaliar cada linha de argumentação, já se torna fácil escolher e adotar a primeira que lhe pareça convincente.

Em síntese, podem ser enumeradas quatro matrizes interpretativas quanto ao Apocalipse. Como não é objetivo deste ensaio discorrer sobre elas, serão aqui mencionadas muito sucintamente:

- Modelo Preterista: majoritariamente, localiza o Apocalipse ao tempo do imperador Nero, geralmente tachado de *a besta do Apocalipse*, e entende que retrata eventos daquele período. Por isto, diz-se que contempla uma “escatologia realizada”. Assim, acaba servindo ao propósito de desviar o olhar para a figura papal, amplamente identificada com a besta do capítulo 13.
- Modelo Futurista: majoritariamente, interpreta que os registros do Apocalipse remetem a um tempo futuro em relação aos seus preceptores do século XVI, o que acaba sendo futuro ainda hoje. Em geral, é ultra literalista quando aos “mil anos” do capítulo 20; seus defensores entendem, mesmo hoje, que figuras como as bestas do livro ainda estão para se manifestar. Para a maioria destes, as sete cartas representam, simbolicamente, sete períodos consecutivos da história pós apostólica; as descrições dos capítulos 4 a 19 se referem à “Grande Tribulação” futura. Muitos que adotam esta matriz esperam uma redenção histórica e terrena para o povo de Israel.
- Modelo Histórico Progressivo (ou Linear): surgiu com o afã de refutar o quiliasmo¹⁵⁴ e o ultra literalismo. Majoritariamente, interpreta a sequência

¹⁵⁴ De *qhilia*, grego transliterado, que significa “mil”; é a concepção hermenêutica que toma literalmente os 1000 anos do capítulo 20; para muitos, uma espécie de interlúdio judaico na história futura.

de registros dos capítulos 4 em diante como fases sucessivas da história do mundo. Respeita o caráter simbólico do livro, mas adota a perspectiva histórica cronologicamente contínua e sucessiva nos séculos sucedentes ao livro.

- Modelo Histórico-Paralelista (ou Idealista): há uma certa variedade de nomes para esta matriz entre os seus defensores. Em geral, concebe que os eventos a partir do capítulo 4 contemplam todo o período da história entre a primeira e a segunda vindas de Cristo, numa narrativa descontínua, não-linear, que transita da primeira à segunda diversas vezes, com novos enfoques. Se destaca por solidificar a percepção escatológica de que o povo de Israel não mais tem papel particular no projeto redentivo divino, agregando os fiéis dentre essa linhagem à igreja, fazendo de ambos – judeus e gentios, enquanto redimidos – um só povo de Deus. Majoritariamente, rejeita a interpretação de um milênio literal, concebendo que a humanidade caminha para o Dia do Juízo.

O APOCALIPSE NA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICO-GRAMATICAL

Há um fator crucial na interpretação bíblica: quem eram os intencionados leitores primários? Quem eram os destinatários iniciais do texto sagrado, na intenção do escritor inspirado e, principalmente, do Espírito Santo, que o inspirou? Isto é de suma importância para a interpretação. Cada livro (ou cada agrupamento de livros) da Bíblia teve destinatários primários tencionados, o que desenha o contexto em que o texto surgiu e encaminha sua interpretação mais legítima.

Por exemplo, o Pentateuco: se o conjunto de cinco livros da Bíblia não foi escrito por Moisés, se não teve como destinatários primários o povo de Israel que estava prestes a tomar posse da “terra prometida”, isto é, se foi trabalho de escrita bem posterior a esse contexto histórico, como alguns críticos modernos preferem, a interpretação será modelada por um contexto bem diverso, e o caráter do texto será modificado, como até tem sido. Contudo, se de fato Moisés escreveu o Pentateuco, e se isto - como diferente não poderia ser - se deu até dias antes do início da conquista da terra, a interpretação e o valor dos cinco livros têm aquele caráter marcante que historicamente têm tido: trata-se das palavras inspiradas pelo Espírito Santo ao servo de Deus escolhido para a missão de conduzir o povo do Egito até Canaã. Essas palavras assumem papel de particular e primária importância para dirigir a vida do povo ao tomar posse da terra, nela viver dali por diante; contudo, também têm sua importância mais ampla para o povo de Deus em todos os tempos.

Ao suscitar esta analogia, fica evidente um caso típico muito interessante. Em nosso ensaio, pretendemos demonstrar que a analogia é plenamente válida também para o Apocalipse. Em outras palavras: assim como o Pentateuco, escrito por Moisés até quando se limitou sua vida na trajetória rumo a Canaã, teve uma

relevância primordial, imediata, primária, para o povo que ele conduzia, naquele contexto histórico, assim também o Apocalipse teve relevância primordial, imediata, primária, para os cristãos do tempo em que o autor do livro o escreveu; e assim como o Pentateuco manteve sua relevância para as gerações posteriores à do contexto imediato, bem como para todo o povo de Deus em todas as épocas até que Cristo volte, assim também o Apocalipse. Trata-se de um livro de particular importância para os cristãos da Ásia Menor em seu tempo, mas de importância expandida para os cristãos da geração seguinte, e da seguinte, e da seguinte – todas as gerações, até que Jesus Cristo volte. São características comuns entre os textos exordiais e o texto epilógico da Escritura.

Outros exemplos adicionais podem ser suscitados para sustentação desta premissa hermenêutica. É o caso dos Salmos de Davi: como interpretá-los acuradamente se não pela identificação do contexto do estabelecimento do templo? Porém, uma vez desvanecida a utilidade enquanto existia templo em Jerusalém, permanecem utilidade e aplicações para todas as eras posteriores, até que Jesus volte. É o caso também dos profetas¹⁵⁵ – cada qual com um texto dirigido ao povo de Deus em seu próprio tempo. Vide, por exemplo, o livro de Daniel: a sua correta interpretação é balizada pelo contexto histórico explicitamente apontado no próprio livro – o exílio babilônico e a transição de história para o domínio medo-persa. Não se limita, porém, àqueles dois domínios, porquanto se expande para os tempos posteriores ao do profeta. Por conta disso, os leitores originais desse escrito canônico estavam também sendo preparados para três outros domínios que viriam: greco-macedônico, romano, e o reino de Jesus Cristo.

Vejamos um caso do Novo Testamento. Como entender a dupla de livros do evangelista Lucas, o evangelho e os Atos dos Apóstolos, se não pela própria explicação preambular do autor? São duas peças conectadas, dirigidas primariamente a um Teófilo, com intuito de propor narrativa em ordem dos fatos, sob o contexto certamente gentílico, e não judeu (como é o caso de Mateus). Qualquer leitor posterior, próximo ou distante de Teófilo, precisa nortear sua interpretação dos dois escritos sequenciais de Lucas sobre esse alicerce histórico. Entretanto, para quantas gerações mais o binômio Lucas-Atos guarda seu valor canônico? Evidentemente, todas!

O mesmo se pode dizer das epístolas de Paulo: qualquer expositor bíblico que preze a verdade deverá estudar a epístola sob sua atenção observando quem eram os destinatários primários, e o contexto em que se encontravam. É importante detectar onde Paulo estava quando escreveu a epístola, associar isto

¹⁵⁵ Vale assinalar que no *Tanach*, a Bíblia dos hebreus, os Salmos de Davi pertencem à terceira coleção – Ketuvim, os escritos. Assim, é interessante perceber que nossa analogia de premissa hermenêutica tem validade para as três coleções vétero-testamentárias: a *Torah*, os *Nevi'im*, e os *Ketuvim*.

com o registro de Atos, apurar as circunstâncias motivadoras da epístola no seu preciso tempo, e assim por diante. Sair dessas balizas ao estudar e ao expor a epístola é arriscar-se em divagações divorciadas da sensatez e da verdade. Não se interpretam as epístolas aos tessalonicenses, por exemplo, sob o mesmo contexto em que se interpretam as epístolas a Timóteo. As primeiras indubitavelmente foram escritas no início do ministério paulino; as outras, no final. Paulo, porém, é *útil para o ensino, para repreensão, para correção e para educação na justiça* por quantas gerações ainda sucederem à dos leitores originais.

Por que seria diferente com o Apocalipse? Não, não pode ser diferente! Para se entender minimamente o Apocalipse, há algumas balizas fundamentais; uma delas é exatamente a que acima foi defendida: a quem se destinava, primariamente, o livro? Qual era o contexto histórico desses destinatários primários? Qual a sua época? Certamente o significado e o objetivo do livro serão identificados a partir da percepção desse cenário. Neste ensaio introdutório sobre o Apocalipse, será esta premissa de cardeal importância também. Mas, não poderemos nos limitar a esse marco: há proveito santo no livro para todas as gerações, até à Segunda Vinda de Cristo.

Algo interessante merece espaço a esta altura; vejamos: os leitores originais do Apocalipse, isto é, os irmãos das sete igrejas da Ásia mencionadas nos capítulos 2 e 3, certamente não precisavam fazer a investigação que nós, hoje, precisamos fazer, para situar aquele escrito joanino. Por que não? Pelo simples fato de que eles estavam imersos, vivendo presencialmente aquele contexto que hoje nos esforçamos por decifrar. Os leitores originais não precisavam se esforçar para investigar por que e por ordem de quem João estava em Patmos: esta informação estava ao alcance deles, pois lhes era contemporânea. Os leitores originais não precisavam investigar se o templo de Herodes em Jerusalém ainda estava ou não de pé: esta era uma notícia de domínio público nos seus dias, mesmo sem contar com os modernos instrumentos de comunicação e mídia de que dispomos. Certamente não precisavam eles investigar vários dos fatos mencionados no texto, pois eles os conheciam; eram testemunhas deles.

Por exemplo: os efésios não precisavam investigar quem seriam os falsos apóstolos ou quem seriam os nicolaítas, como fala João no capítulo 2, pois eles viviam no seu meio; os blasfemos de Esmirna, que a si mesmos ilegitimamente se declaravam judeus, não teriam dificuldade em ser identificados pelos crentes daquela igreja; o “trono de Satanás”, ou o mártir Antipas, ou os praticantes da doutrina da Balaão eram familiares aos crentes de Pérgamo, os quais não precisavam investigar para identificá-los acertadamente; o mesmo se pode dizer da tal “Jezabel” de Tiatura, das razões da apostasia de Sardes, dos falsos judeus da “sinagoga de Satanás” de Filadélfia, ou das circunstâncias peculiares de Laodiceia, a “igreja morna”.

Claro que em relativamente pouco tempo depois, os leitores do Apocalipse precisariam investigar mais apuradamente aqueles contextos; do contrário, ficariam ‘boiando’ na leitura, sem alcançar os significados. Quanto mais distante – no tempo e no espaço, quanto mais ignorados os elementos de contexto, mais difícil a tarefa de entender e interpretar corretamente. Se a clareza quanto a tais circunstâncias pudesse ser obtida a partir da própria Escritura, mais simples a tarefa. No entanto, se dependesse de elementos externos à revelação bíblica, quão complicada seria a tarefa. Talvez por isto o Apocalipse venha sendo considerado tão difícil de se interpretar, ao longo dos séculos. Talvez por isto as muitas especulações históricas e teológicas tenham levado a tantas e tão conflitantes correntes hermenêuticas.

Como exemplos, poderíamos citar Policarpo de Esmirna e Inácio de Antioquia. Pelas fontes disponíveis, é fora de dúvida que Policarpo, o bispo de Esmirna no segundo século, fora discípulo do apóstolo João, ainda no final do primeiro século. Quanto a Inácio, alguns autores deduzem sem espaço para dúvida que também tenha sido discípulo de João em Éfeso, ao passo que outros – mais cautelosos – reputam isto como algo muito provável, sem sentenciar o fato. Enquanto Inácio foi martirizado em Roma, por volta do ano 108 (ou pouco depois), Policarpo foi martirizado na própria cidade onde era bispo, no ano de 155. Há possibilidades de que Policarpo tenha seguido alguma influência de Inácio, após a morte de João. E quanto a Papias de Hierápolis, que regulava com Policarpo em idade e foi seu companheiro, enquanto discípulos de João? Nada diferente!

Aí está: o grau de conhecimento que tanto Policarpo, quanto Papias, quanto Inácio tiveram sobre João e sobre o Apocalipse certamente foi muito maior do que o de cristãos e até líderes que viveram depois deles. Quanto a isso, não importa se a datação do Apocalipse seja atribuída ao meado ou ao fim do primeiro século. Avançando um pouco no arrazoado: os discípulos daquela geração à qual pertenceram Inácio, Papias e Policarpo certamente guardaram muito conhecimento relevante do contexto do Apocalipse. Mas, à medida que o tempo foi avançando, distanciando-se do tempo de vida do apóstolo, cada vez mais veio crescendo a necessidade de investigar-se para interpretar o livro.

Tudo o que até aqui se coloca sob consideração tem relação direta com o método hermenêutico, ou seja, o método que regerá o trabalho de interpretação do Apocalipse. Se o método de interpretação do livro bíblico for histórico-crítico, haverá certa liberdade nefasta para identificar-se o autor, o contexto, o conteúdo e o próprio significado. Essa liberdade acabará por permitir a distintos leitores assumir diferentes interpretações, anulando-se o objetivo da inspiração do texto e a suas verdades centrais para todas as épocas. Como exemplo outra vez: se o método hermenêutico seguir uma matriz judaizante, como se o texto do Apocalipse tivesse o objetivo primário de revelar supostos projetos dos atos divinos em relação à descendência étnica de Abraão, sua utilidade para a igreja

universal ficaria em segundo plano; ou, no mínimo, subordinada à imaginária identificação da igreja como um apêndice temporário do povo israelita. Mas, se o papel de Israel como povo da Aliança, no tempo que principia com a ascensão de Cristo ao céu, for adequadamente compreendido pelo intérprete, bem como o papel da igreja como povo da Aliança nesse novo tempo, a compreensão do livro será frontalmente diferente do primeiro caso.

Pelo método histórico-gramatical, o conteúdo e o significado do Apocalipse são dissecados à luz do contexto primário, isto é, do autor, no tempo em que escreveu, e dos destinatários primários, no tempo e no lugar em que esta porção da Escritura foi primeiramente conhecida e lida. As palavras, as sentenças, o sentido e o significado da construção sintática serão balizados pela maneira como deveriam ser entendidos naquele contexto, embora servindo para múltiplas aplicações práticas posteriormente.

Portanto, desde já aquele que lê estas linhas há de perceber que o Apocalipse encontra, na perspectiva aqui proposta, relevância primária no tempo e no lugar dos leitores primários. De nada adiantaria esquadrinhar a história nos séculos posteriores ao primeiro, na busca de sentido e significação para as diversas partes da revelação, se essa busca não começar precisamente lá no primeiro século, na Ásia Menor. A esta altura, algum leitor poderá estar pensando: *já entendi; já posso esperar mais um defensor do “preterismo”*. Não! Nada disto! Pelo menos, quanto ao que se convencionou chamar de “preterismo”. O Apocalipse é o livro de revelações, exortações e consolações para todos os tempos e lugares, desde que foi escrito até à volta de Jesus. Contudo, de maneira alguma podemos perder de vista a significação primária, para os leitores primários, remetendo os exercícios de interpretação para algum futuro. Ocorre que, para muitos intérpretes, as linhas escritas mostram fatos ainda futuros mesmo para nós, em pleno século XXI. Será? Aquele significado primário é chave para a interpretação.

A DATA DO APOCALIPSE

A mais legítima interpretação do Apocalipse passa também pela compreensão de quando foi o livro escrito. É óbvio que para os leitores primários isto não era um problema: eles estavam vivendo no mesmo tempo do autor; por conseguinte, a apropriação da sua mensagem, e do seu significado, lhes era algo um tanto mais natural do que para os leitores dos dias de hoje.

O autor registra uma informação importante sobre si mesmo: “Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Ap 1.9, ARA). Como já visto, este ensaio abraça e defende a posição majoritária entre todos os profundos estudiosos do Apocalipse, identificando no apóstolo João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, discípulo e apóstolo de Jesus, o autor. João, companheiro de tribulações dos cristãos que o leriam primeiramente,

estava exilado na ilha de Patmos, *por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus*. A situação era a de banimento por conta de ser cristão e, certamente, também por conta do exercício do apostolado.

São três as principais alternativas entre os estudiosos para se identificar a ocasião: alguns defendem que esse degredo teria sido em algum dos anos da segunda metade do tempo do imperador Nero. Considera-se que o ano de 62, quando começaram severos conflitos com o senado, marcou o início de uma nova e perigosa fase do governo de Nero, que durou até sua morte, em 68. O auge dessa perigosa fase se deu entre 64 e 67. Mas, sob essa premissa, há muitas dificuldades de identificar o personagem do banimento, autor do Apocalipse, com João filho de Zebedeu. Apenas um exemplo: se João, o autor, escreveu o Apocalipse na faixa de tempo entre 64 e 67, como conciliar isto com as cartas que Paulo escreveu a Timóteo, enquanto este era o pastor em Éfeso, à vista da carta a Éfeso no Apocalipse? Alguns dos intérpretes da linha do tempo nerônico chegam a sugerir como autor algum outro personagem cristão com o mesmo nome do apóstolo João. Mas a dificuldade permanece.

Em número um pouco menor, alguns intérpretes defendem que esse exílio de João se deu no início do governo imperial de Vespasiano, ou seja, no ano de 69, pouco antes da destruição de Jerusalém, que foi sitiada entre abril e setembro do ano 70. Embora menor o número de dificuldades de identificar esse “João” com o apóstolo irmão de Tiago, ainda existem. O maior contingente de estudiosos, porém, situa esse exílio joanino na fase quase final de Domiciano, que foi imperador do ano 81 até o ano 96. Outras opções de tempo para o Apocalipse não são dignas de apreço. Vejamos os fatores a favor e contra cada uma dessas três opções.

Nero, último da dinastia “júlio-claudiana”, foi imperador em Roma de outubro de 54 até junho de 68. Foi sucessor de Cláudio, seu padasto, e antecessor de Galba; este foi um dos três imperadores de brevíssimo tempo, os quais antecederam a Vespasiano. O puritano britânico John Fox (1517-1587), referência clássica entre os martirologistas cristãos, em seu famoso “Livro dos Mártires”, classifica a perseguição sob Nero como a primeira grande perseguição aos cristãos.¹⁵⁶ Em Atos dos Apóstolos, a sucessão de Cláudio para Nero coincide com o tempo da terceira viagem missionária de Paulo. Quando Paulo apelou para César em Atos 25, provavelmente isto se deu entre os anos 59 e 60. A esta altura, Nero era imperador já por 5 ou 6 anos. Em 64 Nero deflagrou o grande incêndio de Roma, e pôs a culpa nos cristãos. Em seus delírios insanos, Nero aproveitou o ensejo para impor diversos tipos de martírio aos cristãos: alguns foram jogados às feras, enquanto outros tiveram seus corpos ainda vivos transformados em tochas vivas para iluminar jardins. A perseguição, inicialmente em Roma, se espalhou pelo

¹⁵⁶ FOX, John, *The Fox's Book of Martyrs*. New York: Hurst & Co. Publishers, 1900, p. 39.

império até o ano de 67. Foi nesse tempo que Paulo foi martirizado em Roma. Nero morreu por suicídio em 68.

Há estudiosos que associam a figura do anticristo da primeira epístola joanina com alguma das bestas mencionadas no Apocalipse, especialmente a que emerge da terra, que tem número de homem, a saber, “seiscentos e sessenta e seis” (Ap 13.18). Por meio de exercícios que tentam decifrar a simbologia do número, encontram na pessoa de Nero, contemporâneo a certa fase do apóstolo Paulo, a figura ideal para identificar essa besta, o anticristo.

Talvez o primeiro componente do texto que induza a preferência desses segmentos de intérpretes seja o que vemos no capítulo 11 de Apocalipse, onde se descreve o santuário de Deus, ao qual João foi incumbido de “medir”. O texto excetua o átrio exterior, “*porque este foi dado aos gentios*” (verso 2). Com isto, costuma-se apontar esse texto como evidência de que o templo ainda estava de pé, tal como advogam as duas primeiras correntes interpretativas mencionadas.

A segunda corrente – a que defende o período de Vespasiano - difere um pouco da primeira - a que defende o período de Nero – embora ambas reivindicuem estar de pé o templo em Jerusalém ao tempo em que o Apocalipse foi escrito. Só para lembrar: o templo caiu definitivamente em setembro do ano 70, depois de quase seis meses de cerco à cidade. O livro *As Guerras dos Judeus*, do historiador judeu Flávio Josefo (c.37-100), conta em detalhes todo o episódio da primeira guerra judaico-romana, que durou de 66 a 70. E, em que difere a segunda corrente da primeira? Embora haja muitos elementos históricos do tempo da perseguição nerônica que podem se enquadrar nos registros do Apocalipse, há também enormes dificuldades a superar, do que trataremos adiante.

Por um lado, reivindicando que o livro deveria ter sido escrito enquanto ainda estava de pé o templo, mas, por outro lado tentando contornar as dificuldades suscitadas quanto ao tempo de Nero, a preferência acaba recaindo no tempo do governo de Vespasiano. Isso coincide com as campanhas contra Jerusalém empreendidas pelo filho do imperador, o general Tito, de fins do ano 69 até o ano 70.

Uma segunda porção do texto do Apocalipse que é crucial para encontrar-se sua data está nos capítulos 13 e 17. O capítulo 13 traz menção de duas bestas: a que emerge do mar e a que surge da terra. Comumente, a besta que surge da terra, que exerce sua autoridade sob a autoridade da primeira besta, que opera grandes sinais aos olhos dos homens, que seduz os habitantes da terra, que impõe a sua marca na mão ou na frente e que se identifica pelo número “seiscentos e sessenta e seis”, costuma também ser identificada com o anticristo das epístolas.

O capítulo 17 revela que essa besta que emerge da terra - possivelmente o anticristo - não é um dos cinco que já caíram, não é o sexto que presentemente existe, não é o sétimo a seguir, que tem de durar pouco. Conforme o verso 11, a

besta é o oitavo rei dessa sequência de reis dos quais procede, e que caminha para a destruição. Esses sete de quem o oitavo rei procede são também identificados com os sete montes da cidade, a Grande Babilônia, que corresponde à Grande Meretriz. Quanto a esses reis, o texto diz que “caíram cinco, um existe, e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco” (Ap 17.10). Intérpretes diversos põem-se a decifrar, pondo seu objeto de atenção nos imperadores romanos do primeiro século: se a sequência começar em César Augusto (27 a.C a 14 d.C), Nero é o quinto, o sexto é Galba, o sétimo é Otão e o oitavo é Vitélio. Sem dúvida, César Augusto é usualmente tido como o primeiro imperador de fato, após o fim da República romana. Contudo, isto não satisfaz nenhum cenário almejado.

Como identificar Nero com o oitavo rei? Para que o oitavo rei de Apocalipse 17.11 recaia sobre Nero, e assumindo-se que a sucessão de reis é historicamente precisa, é preciso computar mais três governantes que antecederiam César Augusto. Quais? Há intérpretes que conseguem aumentar o número retrocedendo até ao general Júlio César. Neste caso, Nero seria o sexto, supostamente satisfazendo a hipótese de ser o imperador contemporâneo ao escrito joanino. Todavia, aí começam outras dificuldades. Por enquanto, o que se pode afirmar é que nestas duas passagens que se complementam, dos capítulos 13 e 17, temos uma forte evidência interna para encontrar a data do Apocalipse. Mais adiante vamos explorar melhor o assunto.

Outro dado do texto do Apocalipse que costuma receber interpretação comum entre as duas primeiras correntes hermenêuticas é a identificação da “grande Babilônia” do capítulo 18 com a cidade de Jerusalém. Os que assim optam interpretam a queda da “grande Babilônia” do verso 2 como a queda de Jerusalém em 70. Assim sendo, alguns até tomam o verbo “caiu” como um fato de passado recente; mas muitos dessa corrente tomam como predição profética de fato iminente, para justificar a data do Apocalipse nos anos Sessenta. Seria um pretérito profético ainda não cumprido. A título de curiosidade, vale a pena assinalar que o verbo (*piptô*, transliterando da língua grega) tem aqui uma conjugação de Aoristo do Indicativo Ativo, na terceira pessoa do singular; o Aoristo é o tempo que aponta para um fato consumado. Em linguagem profética, contudo, especialmente decorrente de revelação por meio de visão, não é descabido que um fato futuro seja descrito como no passado. Trata-se de um recurso retórico da profecia. Se a identidade da Grande Babilônia se adequa de fato a Jerusalém, e não a Roma, como majoritariamente se concebe, é algo que precisaremos conferir...

Já no caso da terceira linha hermenêutica, a que situa o Apocalipse no tempo de Domiciano, as três referências textuais têm significação bastante diferente: o santuário do capítulo 11 não é (e nem poderia ser) o templo de Jerusalém; tratar-se-ia de descrição simbólica do santuário celeste. Então, se a interpretação adotada não se permitir caminhar literalmente para o templo de

Jerusalém, perde toda a força a suposta evidência em favor do tempo de Nero, e reforça-se o contexto posterior ao ano 70.

Ademais, se a sequência dos sete reis de Apocalipse, que acaba por identificar o oitavo com a segunda besta, quem sabe o “anticristo”, não começar necessariamente com César Augusto, ao tempo em que Jesus nasceu, o desfecho dessa evidência é diferente. Quanto à Grande Babilônia do capítulo 18, se a interpretação não se firmar sobre Jerusalém, mas sobre Roma, teremos outra linha para identificação de época. E é exatamente isto que ocorre com a terceira corrente hermenêutica.

Antes de investigar fatores a favor e contra cada reivindicação, é oportuno lembrar que, em geral, são chamados de preteristas os intérpretes que situam o Apocalipse no tempo do imperador Nero, isto é, antes da destruição de Jerusalém. Para estes, a maioria dos acontecimentos preditos no Apocalipse se cumpre nos eventos que começam com a guerra judaico-romana de 66 a 70, que culmina com a destruição de Jerusalém. Nem todo preterista assim defende; mas é a posição majoritária.

Para simplificar a investigação escriturística, podemos muito bem reduzir as linhas hermenêuticas a duas: a primeira, poderíamos chamar de “corrente pré-queda”, designando os que reivindicam qualquer das datas que antecede a Queda de Jerusalém, no ano 70; abrange a que contempla o tempo de Nero e a que contempla o tempo de Vespasiano. Poderíamos, então, chamar a segunda de “corrente pós-queda”. Uma vez adotada uma das duas correntes como a viável, ficaria mais fácil tentar identificar quem era o imperador ao tempo do exílio Joanino; ou vice-versa.

Este estudo merecerá duas instâncias distintas: a da evidência interna e a da evidência externa. Muito embora alguns dados históricos possam ser trazidos à tona na discussão da evidência interna, serão estes adotados, não com o peso de evidência em favor da definição de data; antes, apenas para corroborar a percepção mais viável que brotar do próprio texto, isto é, da evidência interna. Há passagens do livro que carregam evidências quanto ao seu tempo de origem. São essas passagens as qualificadas como evidências internas em favor do apontamento da ocasião.

Evidências Internas:

1) Apocalipse 1.4 e os capítulos 2 e 3: As referências e os dados em torno das sete igrejas da Ásia, isto é, as igrejas das sete cidades referidas, tem um importante lugar nos estudos sobre a ocasião do Apocalipse.

Análise:

Das sete igrejas destinatárias, somente três contam com citações em outros livros do Novo Testamento: Éfeso, Tiatira e Laodiceia. As outras quatro - Esmirna, Pérgamo, Sardes e Filadélfia - são citadas somente aqui no livro do Apocalipse.

A geografia mostra o traçado de comunicações terrestres entre as sete cidades: a rota do eventual emissário da(s) epístola(s) poderia muito bem ser na sequência em que as sete cidades aparecem nos dois primeiros capítulos, o que facilitaria o conhecimento de todas as igrejas quanto a todo o conteúdo do Apocalipse. Das sete, a cidade mais próxima da ilha de Patmos era a cidade de Éfeso. Em outras palavras, é altamente provável que a intenção da remessa do Apocalipse, proveniente de João em Patmos, seria para chegar em cada uma das sete igrejas/cidades na sequência citada. Não seria uma carta para cada igreja, separando-se os textos. Quando o texto chegasse ao final da jornada, que era Laodiceia, certamente já era conhecido também das seis cidades precedentes. Teria sido feita uma cópia do texto para ficar em cada cidade, à medida que o original avançava para a próxima? Não sabemos, mas não é improvável.

A igreja de Éfeso é a que tem maior presença no Novo Testamento: é citada em Atos dos Apóstolos, em 1Coríntios e em 2Timóteo, além do Apocalipse. Pelo livro de Atos, é possível concluir que Paulo tenha passado por Éfeso ao final de sua segunda viagem missionária (At 18.18-22); contudo, é na terceira viagem missionária que ele ali permanece um tempo, no qual surge a igreja (Atos 19). E também pelo livro de Atos é possível concluir que isto se dá por volta do ano 55. Quando Paulo escreve sua epístola aos Efésios, ele já se encontra em Roma, no período de sua primeira prisão (por volta de 61 ou 62), quase ao começo da segunda e crítica fase do reinado de Nero. A grande questão é se a igreja de Éfeso para a qual João dirige a carta de Jesus no Apocalipse poderia ser relativamente contemporânea da igreja de Éfeso que recebe a carta paulina vinda de Roma.

É interessante examinar o relato que Paulo passa aos gálatas, nos capítulos 1 e 2 da epístola. Diz o apóstolo que, ao dirigir-se a Jerusalém pela segunda vez após sua conversão (registro que temos em At 15), foi-lhe dado o reconhecimento do chamado apostólico. Outro fato de importância ali ocorrido foi o reconhecimento de que o evangelho também deveria ser pregado aos gentios, tanto quanto aos judeus. Então, o ‘concílio’ ali havido estabeleceu uma decisão: uma equipe dos apóstolos permaneceria entre os da circuncisão, enquanto outra equipe se dedicaria aos gentios. Note-se o verso 9: “e, quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles, para a circuncisão” (o grifo é acréscimo desta transcrição). Assim, João não estava na equipe que se dirigiu aos gentios naqueles primeiros tempos, como ocorreu com Paulo e Barnabé. Esta é uma evidência interna que indica certa distinção de tempo entre a Éfeso paulina e a Éfeso joanina, por assim dizer.

Exceto pelo que se lê em Apocalipse, não há evidência interna explícita no Novo Testamento de que João tenha ministrado à igreja de Éfeso. Nos certificamos de que isto ocorreu pela evidência externa, a qual consigna o final do primeiro

século; na melhor hipótese, algum começo após a morte de Paulo e Pedro, enquanto Timóteo ainda era o pastor em Éfeso. Contudo, não há um único indício nos registros paulinos quanto a Éfeso que Paulo tenha tido conhecimento de qualquer ministério joanino naquela cidade. Por outro lado, e importante: nenhum dos escritos joaninos faz referência a Paulo, como o faz Pedro. Então, o que é mais sensato concluir? Que Paulo e João tenham ministrado à igreja de Éfeso em tempos próximos, ou que, quando João ministrou a Éfeso, Paulo já estava morto havia algum tempo? Muito mais provável a segunda hipótese.

Quanto ao conteúdo das duas epístolas, Paulo enfatiza a revelação do mistério antes guardado oculto (em parte, exceto dos judeus), mas *agora* revelado aos gentios (incluindo os efésios), o que os torna integrantes de um só corpo – o Corpo de Cristo. A epístola paulina clama, sob vários prismas, pela unidade desse corpo. Já a carta de Jesus por meio de João no Apocalipse aponta aspectos positivos e negativos naquela igreja, com destaque para o abandono do “primeiro amor”. O tom é bem diferente. É totalmente provável que fossem épocas bem distintas, e altamente improvável que fossem contemporâneas.

No caso de Tiatira, a única referência fora do livro do Apocalipse é a que Lucas faz em Atos 16.14: a procedência de Lídia, a vendedora de púrpura – ela era da cidade de Tiatira. Isso se deu na segunda viagem missionária de Paulo, por volta do ano 51 ou 52. Ora, se a Paulo foi dado o ministério aos gentios, a origem da igreja em Tiatira é especulada a partir desse encontro: Paulo e Lídia. No entanto, pelo verso 40, sabemos que Lídia era moradora de Filipos. Muito provavelmente a igreja em Tiatira surgiu após esse episódio, mas não temos evidência interna que nos informe o fato. Contudo, na carta ‘joanina’, há uma indicação que parece colocar Tiatira em pleno contraste com Éfeso: enquanto esta última tinha decaído quanto ao seu “primeiro amor”, a igreja em Tiatira era mais pródiga em obras nos últimos tempos do que nos primeiros (ver Ap 2.10). É de se sublinhar: uma igreja decadente e outra mais pródiga em obras nos últimos tempos do que nos primeiros. Mais uma evidência interna que favorece razoável decurso de tempo entre o surgimento da igreja e o tempo do Apocalipse.

No tocante a Laodiceia, novamente a geografia bíblica precisa vir em nosso socorro. Na sequência do Apocalipse, Laodiceia é a última das sete. É a igreja que não era *fria nem quente*. Laodiceia está geograficamente encravada entre duas cidades também citadas no Novo Testamento: um pouquinho a noroeste, Hierápolis; um pouquinho a sudeste, Colossos. Hierápolis e Laodiceia são mencionadas na epístola paulina aos colossenses. Paulo dirigiu a carta aos colossenses, mas mostrou atenção simultânea aos de Hierápolis e aos de Laodiceia, posto que eram cidades muito próximas entre si, com Laodiceia ao meio do trajeto (ver Cl 4.12,13).

Hierápolis era cidade de fontes de águas termais, de águas quentes; Colossos era cidade de fontes de águas frias, refrigeradoras. Laodiceia não tinha

abastecimento de água por fontes próprias: recebia águas quentes de Hierápolis e águas frias de Colossos. As águas de ambas as cidades vizinhas eram canalizadas até chegar a Laodiceia. Quando as águas quentes de Hierápolis lá chegavam, não mais quentes eram – eram mornas; quando as águas de Colossos lá chegavam, não mais frias eram – eram mornas. Os habitantes de Laodiceia daqueles dias sabiam disto existencialmente; nós dependemos de informação legada.

Tudo indica que Jesus fez uma analogia com este fato, bem conhecido dos habitantes da cidade, para denunciar a fé *morna* daquela igreja. O tom da carta do Apocalipse a Laodiceia é o mais duro de todos: não há uma só palavra de apreciação: somente de exortação severa. Pelo tom, tudo faz crer que a igreja de Laodiceia se encontrava em clima de apostasia, de secularização. É uma evidência interna que mais favorece transcurso de tempo entre o surgimento da igreja e a carta – talvez quase uma geração, do que proximidade no tempo entre esses dois marcos.

2) Apocalipse 1.9: O versículo indica o exílio do autor na ilha de Patmos, identificando-se ele irmão dos destinatários do livro, e deles *companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus*; o motivo explícito daquele exílio, daquela tribulação, foi *a palavra de Deus e o testemunho de Jesus*.

Análise:

Este versículo indica, como dito antes, o exílio de João na ilha de Patmos. O motivo do exílio está indicado no texto: tribulação, por causa *da palavra de Deus e do testemunho de Jesus*. E a revelação da ilha de Patmos foi escrita em livro, inclusas as sete epístolas. Aliás, não somente as sete cartas – capítulos 2 e 3 – foram dirigidas às sete igrejas: pelo registro do verso 4 do primeiro capítulo, toda a revelação escrita, isto é, todo o livro, foi dirigido àquelas sete igrejas: *“João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros...”*. Isto reforça a tese de que não houve frações do Apocalipse endereçadas às sete igrejas: todo o Apocalipse, para todas as igrejas.

Ora, já vimos que o ‘concílio’ de Jerusalém (At 15) estabeleceu que Paulo se dirigiria aos gentios com Barnabé, enquanto Tiago, Pedro e João se incumbiriam dos *“da circuncisão”*, isto é, dos judeus. Até quando durou isto? O Novo Testamento informa que Tiago permaneceu em Jerusalém; Pedro, até certo ponto, também. Há controvérsias sobre a morte de Pedro: onde, quando e como. Mas, Jesus já tinha dado indicação de que João poderia ser mais longo vivo do que os demais discípulos, especialmente Pedro: João 21.22. Pelo Novo Testamento, é mais acertado admitir que João tenha ido para Éfeso depois da morte de Paulo, do que enquanto ele estivesse vivo. É a conclusão natural da divisão de incumbências de Atos 15. Isto, para não se recorrer à história e à tradição apostólica, que acaba por nos certificar disto. Logo, é muito razoável afirmar que, se havia na igreja de Éfeso que recebeu a carta joanina algum sobrevivente do

tempo de Paulo, esse tal já tivesse conhecimento de que Paulo havia morrido em Roma no tempo de Nero. Quanto tempo antes? Pelo texto bíblico não dá para afirmar, mas dá para inferir que, provavelmente, não pouco tempo.

Então, João é levado em exílio a Patmos, e recebe a incumbência de registrar tudo quanto recebeu de Jesus pelo anjo e encaminhar às sete igrejas da Ásia. Destacam-se, no endereçamento contido no primeiro capítulo, as seguintes palavras: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!” (Ap 1.7, ARA). O cenário, portanto, era: as igrejas em tribulação, assim como João (Ap 1.9); este, em exílio, escreve às igrejas advertindo sobre a volta de Cristo, e narrando os acontecimentos das visões sobre o que antecede essa volta. A opção pelo tempo do Apocalipse deve reunir todos esses elementos. Tomando de volta a premissa de que João só tenha começado a se dedicar a gentios, como no caso da Ásia Menor, após a morte do apóstolo Paulo, esses elementos todos favorecem mais uma data mais tardia em relação ao ministério de Paulo.

3) Apocalipse 11: O profeta foi incumbido de medir o santuário de Deus, e o seu altar, deixando de lado o átrio exterior, porque este “*foi dado aos gentios*”. Muitos intérpretes encontram nestas palavras do capítulo evidência de que o templo de Jerusalém ainda estava de pé, o que remete o Apocalipse para antes do ano 70.

Análise:

A ordem para medir o santuário – que santuário? Teria alguma base legítima alicerçar que esse capítulo aponta para o templo de Jerusalém, que ainda estaria de pé? Se assim fosse, ainda seria discutível se o Apocalipse teria sido dos tempos pré-queda de Jerusalém. Vale dizer: não se poderia afastar a hipótese do registro do fato posterior a esse fato.

No livro de Ezequiel – outro exilado – temos um interessante paralelo: ao tempo do capítulo 33, quando Ezequiel já estava com os demais exilados em Babilônia por doze anos, chega-lhes a notícia da primeira destruição de Jerusalém; com ela, a primeira destruição do templo. Nos capítulos seguintes, Deus começa a falar de um novo santuário prometido. As imprecações de juízo contra as nações que escarneciam de Israel se seguem, uma após outra. O capítulo 40 registra o seu tempo: 25 anos de exílio, quatorze desde a destruição de Jerusalém (inclusive o templo). Não havia mais templo, mas a visão mostra um homem com aparência como de bronze, equipado para medir o santuário. Que santuário? O da visão profética, porque templo físico não havia mais. E assim a visão vai se ampliando em detalhes ricos, até o capítulo 48, em percepção escatológica. Um interessante e pertinente paralelo com a visão profética recebida por João.

Pode o santuário a ser medido, do capítulo 11 de Apocalipse, ser o templo de Jerusalém? Se a premissa profética de Ezequiel for também aplicável a João, mais previsível seria dizer que a nova destruição do templo já havia ocorrido,

juntamente com a destruição da cidade. A medição não seria literal, e tampouco o templo a ser medido.

E o que diz o restante do Apocalipse, quanto àquele santuário? O capítulo 3, verso 12, fala que o vencedor será coluna no santuário do meu Deus, e dali jamais sairá. No mesmo verso, a “cidade do meu Deus” é a nova Jerusalém, a que desce do céu, vinda da parte do meu Deus... Nada que possa apontar à Jerusalém de Davi e ao seu templo (ou o segundo templo). No capítulo 7 (15), o santuário é aquele onde estão os que servem e adoram a Deus dia e noite, diante do trono de Deus. No capítulo 14 (15 e 17), o santuário é aquele de onde procede o anjo que proclama a hora da ceifa e de onde procede o anjo com a foice da ceifa; é o santuário celestial! No capítulo 15 (5, 6 e 8), o santuário é celestial, não terreno. No capítulo 16 (1 e 17), mais uma vez o santuário não é terreno: é celeste! Então, impõe-se a pergunta: por que somente no capítulo 11, destoando de todo o contexto do livro, o mencionado santuário seria o de Jerusalém, onde os sacerdotes ainda praticavam os atos mosaicos? Convenhamos: inconsistência total! É necessário que a consistência hermenêutica se imponha: o santuário do capítulo 11, por analogia de Ezequiel e em conformidade com o restante do Apocalipse, é profético, é escatológico, é celestial. É posterior à destruição do templo tipológico de Jerusalém. Com isto, inviabiliza-se um dos principais pilares de reivindicação de data pré-queda, vale dizer, queda de Jerusalém no ano 70, para o Apocalipse!

4) Apocalipse 13.18: O número “*seiscentos e sessenta e seis*”, que é qualificado como “número de homem”, é também o número da besta que emerge da terra. Vários exercícios hermenêuticos têm sido propostos para identificar essa besta pelo número indicado; há intérpretes que acreditam que, se for identificada essa besta, uma chave importante da datação do Apocalipse terá sido desvendada.

Análise:

“*Seiscentos e sessenta e seis*” é o número da besta, e é número de homem. Assim, a besta que emerge da terra se identifica com figura humana. Muitos associam esse personagem humano da besta de Apocalipse com o *anticristo* de quem João fala em duas de suas epístolas (1Jo 2.18, 22; 4.3; 2Jo 1.7). Nessas passagens, algumas características do *anticristo* se ressaltam:

- Sua vinda está anunciada, porque é fato pertencente à “*última hora*”, que já estava presente nos dias de João;
- Seu empenho seria o de negar a Trindade, e que Jesus é o Cristo;
- Sua doutrina seria enganadora, negando a encarnação real do Filho de Deus.

De fato, nenhuma outra passagem no Novo Testamento usa o vocábulo grego *antichristos*. Contudo, na primeira das três referências joaninas acima, o apóstolo adverte seus leitores originais que “*já é a última hora*”. Em seguida, faz

menção de que aqueles seus leitores já tinham “*ouvido que vem o anticristo*”. Será que João estava se referindo a advertências verbais ainda não registrada por escrito? Ou será que essas advertências verbais tinham origem em alguma advertência já registrada?

É muito razoável admitir que João estivesse se referindo às palavras que Jesus proferiu no chamado “sermão escatológico”. Em Mateus 24.5, lemos: “Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos” (ARA); e no verso 11 do mesmo capítulo, diz ainda o Mestre: “Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos”. Ademais, adiante, no verso 24, afirmou Jesus: “porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos”. Nessas três afirmações, Jesus não se refere a um personagem singular e específico, pois fala no plural.

Contudo, nos versos 15 e 16 também de Mateus 24, eis uma palavra profética de Jesus muito interessante: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes...”. Com certeza estas palavras se referem a Daniel 12.11, e não ao capítulo 9. Aqui, no capítulo 9, Daniel aponta para o tempo da abominação de Antíoco Epifânio, que profanou o santuário divino. Contudo, em Daniel 12, a “*abominação desoladora*” mencionada está claramente relacionada à extinção dos ritos do altar e à ab-rogação do sacerdócio. Trata-se do tempo do fim. Quando Jesus toma esta profecia de Daniel como lastro para sua profecia no sermão escatológico, não pode haver outro cumprimento senão a destruição do templo e de Jerusalém, havidos no ano 70. O início do capítulo 24 de Mateus, em que Jesus fala da edificação do templo em Jerusalém, e da sua destruição, não deixa margem de dúvidas. Dentro de uma geração após os dias de Jesus, o templo e a cidade de Jerusalém foram arrasados.

Será que João, ao falar nas suas epístolas que a vinda do anticristo já era de conhecimento dos seus leitores, estaria apontando para o mesmo *abominável da desolação* do sermão escatológico de Jesus? Para complicar ainda mais, além do *abominável da desolação de Jesus*, há o *iníquo*, o *homem da iniquidade*, o *filho da perdição*, de 2 Tessalonicenses 2.7-10.

O que acima afirmamos, com relação ao personagem citado como *abominação desoladora* em Daniel 12, e como *abominável da desolação* em Mateus 24, tem endereço certo: seu cumprimento se deu quando da destruição do templo e da cidade. O tempo das epístolas de Paulo aos Tessalonicenses não é objeto de discussão, como é o tempo das epístolas joaninas, ou do Apocalipse. É fato fora de dúvida que Paulo escreveu as duas cartas por volta do ano 50, durante a segunda viagem missionária, estando em Corinto, pouco tempo depois de haver passado por Tessalônica. Paulo escreveu as duas cartas aos tessalonicenses, talvez

um ano, no máximo dois, depois de ter plantado aquela igreja (At 16); porém, cerca de 20 anos antes da destruição de Jerusalém e do templo.

Com o *iníquo, o homem da iniquidade, o filho da perdição*, Paulo também estava se referindo a eventos relacionados ao ano 70. É interessante observar alguns detalhes que acompanham a palavra profética de Paulo. A ênfase quanto ao que *agora o detém*, isto é, detém o homem da iniquidade, está no tempo de “agora”: Paulo afirma que os tessalonicenses sabiam o que, naquele momento, estava detendo o aparecimento do *iníquo*. Paulo menciona que esse assunto já havia sido objeto de suas exposições apostólicas, um ou dois anos antes, em Tessalônica. O aparecimento do *iníquo - o homem da iniquidade, ou da perdição -* seria acompanhado de sinais de poder, e com prodígios da mentira. Portanto, era tema familiar aos tessalonicenses, embora, talvez, esquecido, quando surgiram falsos profetas, anunciando a chegada do Dia do Senhor. Não há evento histórico mais apropriado do que os acontecimentos entre ano 66 e ano 70, para cumprimento.

Continuamos, portanto, a investigar sobre o homem do número 666 de Apocalipse. Se o seu tempo for posterior ao ano 70, assim como as epístolas de João, torna-se impossível identificar aquele personagem apontado por Daniel, Jesus (nas primeiras citações) e Paulo (II Tessalonicenses) com o anticristo escatológico, e com a besta do Apocalipse.

Alguns fatos merecem atenção, a título de busca de evidência interna: João não faz uso de palavras similares aos registros proféticos anteriores. Em Apocalipse 13.11-18, destacam-se os seguintes elementos: dois chifres, com aparência de cordeiro, mas falando como dragão; exerce autoridade da primeira besta, a que surge do mar (cf. Ap 13.1), ou do abismo (cf. Ap 11.7 e 17.8); faz com que os habitantes da terra adorem a primeira besta; opera grandes sinais para seduzir os homens e levá-los à adoração da primeira besta e da sua imagem; leva à morte os que não adoram a imagem da besta do abismo (mar); impõe sua marca na mão direita ou na frente das pessoas, com o que controla o comércio e as relações econômicas; seu número de identidade é *seiscentos e sessenta e seis*. São estes os elementos, os quais se apresentam de maneira diferente do que se apresentam os elementos identificadores do anticristo, ou mesmo quanto ao homem da iniquidade, o abominável da desolação.

A singularidade com que se descreve essa besta que emerge da terra – o falso profeta – e a singularidade da identificação do seu número, que jamais antes aparece, são fatores mais favoráveis a uma ocorrência nova, inusitada, ainda não manifesta nos escritores precedentes. É uma evidência interna mais favorável a data posterior à destruição do templo. Neste caso, o *iníquo* de 2 Tessalonicenses dificilmente seria o mesmo personagem identificado como a segunda besta, ou até com o anticristo das epístolas. Quem sabe, uma investigação sobre o que aconteceu em Jerusalém e na Judeia, ao tempo do imperador Adriano, ao tempo

da guerra judaico-romana dos anos 132 em diante, e da última Diáspora, seria uma hipótese?

5) Apocalipse 14.8: O texto anuncia a queda da grande cidade, a “grande Babilônia”. A prostituição dessa cidade com as nações da terra costuma ser elemento que remete intérpretes a Jerusalém (neste caso, antes de sua queda no ano 70), a Roma, ou até mesmo à própria Babilônia. Essa cidade é, também, a “grande meretriz”. Assim, a identificação do evento da queda da cidade poderia indicar a ocasião do Apocalipse.

Análise:

Que cidade é essa – *a grande cidade, a grande Babilônia, a grande meretriz*? Estaria João se referindo a Jerusalém, escrevendo antes do ano 70? Estaria ele se referindo a Jerusalém, escrevendo, porém, depois do ano 70? Estaria ele se referindo a Roma, escrevendo depois da destruição de Jerusalém? Se encontrarmos uma resposta razoável diante destas perguntas, estaremos bem mais próximos da data do Apocalipse.

É necessário que a previsão profética anteceda ao ano 70 para que Jerusalém possa ser candidata a identificar-se com aquela “grande babilônia”. Se a profecia tivesse sido escrita depois do fato consumado da destruição de Jerusalém, surgiriam muitas dificuldades em se identificar as demais feições daquela “Babilônia”, as quais João aponta como ainda observáveis. Não se pode ignorar que aquela “grande Babilônia”, aqui no capítulo 14, dava *a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição*. Que motivos fariam Jerusalém, naquele tempo, candidata melhor do que Roma nessa descrição? Por outro lado, desde os tempos áureos de César Augusto, Roma se apresenta como adequada candidata para essa figura.

Outra pergunta importante: que valor teria essa predição, se ela se referisse a Jerusalém, não importando se antes ou depois do ano 70, para os leitores primários da Ásia Menor? Em que eles estariam sendo tão afetados pela devassidão e pelos efeitos de sua prostituição, em caso de ser Jerusalém? Difícil responder... Porém, se esta pergunta for feita com relação a Roma, fica extremamente fácil respondê-la; mais ainda, se a Roma aí retratada for a dos dias de Domiciano.

6) Apocalipse 16: Esse capítulo descreve as sete taças da cólera divina. O verso 13 indica o “triumvirato” do mal - o dragão, a besta e o falso profeta (que é a segunda besta). O verso 19 fala do juízo da “Grande Babilônia”, para impor-lhe Seu juízo.

Análise:

Esse capítulo descreve as sete taças da cólera divina. E a primeira taça se direciona aos portadores da marca da besta, que adoram sua imagem (verso 2). A expressão “primeiro anjo” indica que há algum tipo de sucessão na expedição dos sete anjos. O verso 13 deixa claro que o “triumvirato” do mal – o dragão, a besta e

o falso profeta – estão atuantes. O verso 19 indica que esse tempo é também aquele em que Deus se lembra da “Grande Babilônia”, para impor-lhe Seu juízo. Esse cenário, associado a outros cenários das evidências internas, ajuda a apontar a ocasião mais provável para essas visões e seu conseqüente registro. Não há razões convincentes para situar esse cenário na Jerusalém pré-queda; mas, há sobejas razões para situar na promíscua e idólatra Roma; especialmente se forem levadas em consideração as afetações para as igrejas da Ásia Menor.

7) Apocalipse 17.9-11: As sete cabeças e os dez chifres da besta que procede do abismo.

Análise:

Este é um texto muito significativo e importante. Leva ele a se entender que o tempo em que o autor recebeu as revelações e as escreveu, isto é, o livro de Apocalipse, se situa depois de cinco reis relacionados àquela cidade, os quais já haviam caído; antecede o sétimo rei, que teria pouca duração; com certeza ocorreu ainda antes do oitavo, sucessor do sétimo, sendo esse oitavo a besta que emerge da terra. Há, ainda, dez reis que deveriam suceder o oitavo, os quais receberiam autoridade com a besta “durante uma hora”. Se esses reis forem identificados, especialmente o sexto deles, parece identificada também a precisa ocasião do Apocalipse.

Tendo por base Apocalipse 17.7-8, a besta que emerge do abismo é a mesma que emerge do mar, do capítulo 13; é a que tem sete cabeças e dez chifres. E, de acordo com 17.11, se identifica com o oitavo rei. Por outro lado, a sequência do capítulo 13 parece mostrar que a besta do mar vem primeiro em relação à besta da terra, sendo esta última a que se identifica pelo número “666”. Conforme a ótica, Apocalipse 17.10 e 11 pode gerar um conflito: o Apocalipse, que, segundo o que transparece do verso 10 do capítulo 17, deveria ter sido escrito ao tempo do sexto monarca. O grande conflito está no que diz esse verso 10, conforme acima transcrito. Para haver sentido, a revelação de João deveria coincidir com o tempo do monarca “*que existe*”, isto é, o sexto da sequência. Ademais, o sétimo logo em seguida não poderia ser um imperador que tenha durado bom tempo, porque o texto previu que tinha que durar pouco. E o oitavo seria a besta do abismo.

Para os leitores originais do Apocalipse, a tarefa de identificação não seria tão difícil quanto é para nós. Se eles receberam o Apocalipse no tempo de Nero – geralmente considerado o quinto imperador romano, a contar-se a partir de Augusto – seria ele o sexto rei (imperador), mas, neste caso, a contagem não mais poderia começar em César Augusto; além disto, o sétimo teria que ser Galba e o oitavo, Otão. Se eles receberam o Apocalipse no tempo de Vespasiano – o nono imperador – a contagem teria que haver começado em Claudio; Tito seria o sétimo, e Domiciano seria o oitavo. Se Vespasiano foi o sexto, Domiciano seria o oitavo, a besta de Apocalipse 17; entretanto, tomam ainda mais força as dificuldades anotadas até aqui, razão pela qual são poucos os defensores desta

tese. Contudo, se o Apocalipse chegou às igrejas da Ásia Menor no tempo de Domiciano, que supostamente seria o “sexto”, a contagem teria começado em Galba, primeiro sucessor da dinastia Claudiana; o sétimo seria Nerva e o oitavo seria Trajano.

De qualquer forma, havendo dificuldades sérias em ambas as opções (pré-queda e pós-queda), é mais difícil estimar que Otão tenha sido o oitavo, a besta do abismo, para que Nero seja o sexto, do que estimar que Trajano tenha sido o oitavo, tendo sido Domiciano o sexto. Trajano sucedeu a Nerva (que durou pouco e foi tolerante com os cristãos), e é considerado por muitos o imperador da terceira fase de perseguições.¹⁵⁷

Essas são especulações que se assentam sobre certas premissas: primeiro, que aqueles reis do capítulo 17 são, efetivamente, imperadores romanos; segunda, que a sequência de primeiro a oitavo tenha que seguir, rigorosamente, a sequência de imperadores instalados pelo senado; terceira, que se tenha certeza de quem foi, efetivamente, o primeiro imperador: Júlio César ou César Augusto. São questões difíceis de se definir, hoje. Daí a diversidade de explicações; ou, de outra ótica, com quem começa a sequência de cinco em Apocalipse.

8) Apocalipse 18: Trata-se de um capítulo que reitera a profecia do capítulo 14, sobre a derrocada de Babilônia, a cidade chamada de “grande meretriz”.

Análise:

A possibilidade de assertiva sobre a data do Apocalipse passa pela mesma consideração acima feita, quanto ao capítulo 14. Consideremos mais: uma vez que seja altamente relevante voltar ao Antigo Testamento para interpretar figuras do Apocalipse, como já concordamos, o que lembra a Babilônia do Antigo Testamento? Lembra apogeu de uma cidade pagã e idólatra; lembra sua aspiração de subjugar o mundo; lembra a ira com a qual o povo de Israel foi subjugado; lembra a profanação e a destruição do seu lugar mais sagrado, o templo; lembra exílio e diáspora. Qual cidade do tempo do Novo Testamento se assemelha à antiga Babilônia, que se justifique denominá-la simbolicamente como tal? Com a própria Jerusalém, ou com Roma? Não foi Roma que, entre o ano 69 e o ano 135, submeteu o povo de Israel aos mesmos efeitos que lhe impuseram os babilônios? Não eram os cristãos, para Roma, apenas um povo originado como seita de origem judaica? Não foi pela vontade de Vespasiano e por mãos de Tito, seu filho, que o massacre de Jerusalém aconteceu no ano 70, levando à devassa total do templo? Não foi por Roma que os habitantes de Jerusalém foram mortos, outros expulsos, tendo havido até um decreto para que não mais pisassem em Jerusalém?¹⁵⁸ Não

¹⁵⁷ O clássico Fox’s Book of Martyrs, escrito em 1563, fala da “terceira perseguição” ao tempo de Trajano; ver capítulo II (p. 20, na edição consultada, de 1900).

¹⁵⁸ O imperador Adriano, governando de 117 a 138, enfrentou a Revolta Judaica de Bar-Kochba. Como resultado da sangrenta guerra judaica, Adriano arrasou o que ainda restava de Jerusalém, instituiu uma nova cidade para suplantá-la – *Aelia Capitolina* – proibiu os judeus de novamente

há outra cidade que tão bem se encaixe na identidade quanto Roma! Neste caso, esvaziam-se de valor os esforços para se identificar essa Babilônia com Jerusalém, o que é um dos pilares para a datação antecedente ao ano 70.

9) Apocalipse 20: O registro do Apocalipse antevê o período de mil anos – o “milênio”.

Análise:

O texto fala das *almas dos decapitados*, que *viveram e reinaram com Cristo durante mil anos*; estes são identificados como os que não adoraram a besta (a que emerge do mar, ou do abismo) nem à sua imagem. Enquanto isso, dá-se o aprisionamento de Satanás por *mil anos*. Isto faz crer que a besta se encontra ao início do período de mil anos e seus eventos correlatos; por semelhante linha de interpretação, o registro do Apocalipse guarda a sua relação temporal com o aparecimento da besta, com a possível perseguição desencadeada no seu tempo,¹⁵⁹ conforme fala o próprio Apocalipse e com o marco inicial do milênio. O que determinados autores apontam haver ocorrido nos dias de Domiciano justifica ter-se ele tornado conhecido como o “Nero Redivivo”.¹⁶⁰

10) Apocalipse 22.8-21: O autor do Apocalipse novamente se identifica, agora nas palavras finais do livro. Ele recebe a ordem para não selar *as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo*. São palavras de encerramento revelacional, profético, porque logo vem a maldição a quem acrescentar ou subtrair palavras às palavras do livro, ou da sua profecia. É um registro digno de exame quanto à possibilidade de ser o último registro canônico.

Análise:

Sem aprofundar a controvérsia, é muito mais viável identificar nestas palavras finais do Apocalipse o contexto temporal do final do primeiro século, concomitante com o fim da revelação neotestamentária, do que com qualquer outro período anterior, em que a atividade revelacional apostólica ainda estaria em avanço. Claro que isto é mais aplicável quando se tenta situar o Apocalipse no

pisar naquele lugar, além de vender todos os judeus que pôde como escravos, proibir o ensino da *Torah* e mais outras medidas com a intenção de extinguir a religião e a cultura judaica. Foi ele o deflagrador da última diáspora judaica.

¹⁵⁹ FOX, John, *The Fox's Book of Martyrs*. New York: Hurst & Co. Publishers, 1900, p. 17. Como também se vê na obra, este autor é um dos estudiosos que reconhece a perseguição havida nos últimos dias de Domiciano como a segunda grande perseguição romana. Trajano e Domiciano foram ‘separados’ no tempo por Nerva, que durou poucos dias mais que um ano.

¹⁶⁰ *Satiras*, nº4 In: JUVENAL, et al. *The Satires of Juvenal, Persius, Sulpicia, and Lucilius*. Tradução de The Rev. Lewis Evans. Originalmente publicado em New York: Harper & Brothers, Publishers, Franklin Square, 1881. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/50657>. Acesso em: 22 dez. 2024. Juvenal foi um pensador romano; exilado de Roma por ordem de Domiciano, seguiu para o Egito. Escreveu ele dezesseis peças satíricas. Numa delas, já após a morte de Domiciano, chama-o de “Nero careca” (o que certamente não ousaria fazer se Domiciano ainda estivesse no trono), solidificando o mito do “Nero Redivivus”, da qual os historiadores romanos Tacitus e Suetonius também dão testemunho. Segundo o mito, a previsão de que o suicida Nero voltaria se cumpriu em Domiciano.

tempo de Nero, do que no tempo de Vespasiano. Por outro lado, se o Apocalipse pertence ao tempo de Vespasiano, é necessário que também nesse tempo se situem as epístolas joaninas, e até mesmo a de Judas¹⁶¹. Mas, situando-o no tempo de Domiciano, posterior a todos os demais escritos do NT, as palavras se revestem de mais possante significado.

Evidências externas:

O conjunto de evidências externas em relação ao tempo da escrita do Apocalipse é razoavelmente amplo. Quando analisamos os elementos para apontamento da autoria, várias citações já nos serviram de embasamento para a data. É o caso de alguns dos Pais da Igreja citados:

Justino Mártir, embora nascido por volta do ano 100, se refere ao autor do Apocalipse como alguém que “viveu entre nós”¹⁶², e explicita que foi João, “um dos apóstolos de Cristo”. A expressão “viveu entre nós” pode não retratar um fato histórico estritamente literal quanto ao autor; contudo, não deixa de indicar certo grau de proximidade no tempo. Se João tivesse morrido bem antes, seria muito mais difícil aceitar esse aparente anacronismo. Por via de consequência, a época que Justino Mártir mais favorece para a autoria do Apocalipse se refere ao final da vida do apóstolo, isto é, final do primeiro século.

Irineu de Lion (c.130-c.202) certamente é o mais contundente defensor da autoria do Apocalipse ao fim do primeiro século, o que coincide com o fim da existência de João. Como já dito, Irineu privou do convívio tanto com Policarpo de Esmirna quanto com Papias de Hierápolis; e estes dois conviveram pessoalmente com João, quando este já idoso. Ratifica-se aqui este testemunho, que corrobora não só o autor, mas o tempo do escrito: “Então, novamente, a Igreja de Éfeso, fundada por Paulo, e tendo João remanescido entre eles permanentemente até os tempos de Trajano, é um verdadeiro testemunho da tradição dos apóstolos”.¹⁶³ Estima-se que João, filho de Zebedeu, tenha nascido em Betsaida por volta do ano 11, e tinha cerca de 18 ou 19 anos quando chamado por Jesus para o discipulado. É Irineu o primeiro a embasar o dado histórico de que João sobreviveu aos demais apóstolos, e viveu até o final do primeiro século, quando morreu com cerca de 89 anos de idade. Nesse tempo, Trajano era o imperador romano, o qual assumiu em 98.

Ademais, Irineu ainda acrescenta:

Não correremos, contudo, o risco de nos pronunciarmos positivamente quanto ao nome do Anticristo; pois se fosse necessário que seu nome fosse claramente revelado neste

¹⁶¹ Certos eruditos elencam boas razões para estimar a data de Judas após o ano 70.

¹⁶² Justino Mártir, *Diálogo com Trifo*, capítulo 81.

¹⁶³ Irineu de Lion, *Contra Heresias*, Livro III, final do capítulo 3. *Apud* SCHAFF, Philip. *The Complete Ante-Nicene Church Fathers Collection* (9 vols). New York, 1886. Disponível em: <https://ccel.org/fathers>. Acesso em: 23 jan. 2024.

tempo presente, teria sido anunciado por aquele que teve a visão apocalíptica. Pois isso não foi visto há muito tempo, mas quase em nossos dias, no final do reinado de Domiciano.¹⁶⁴

Para Irineu de Lion, sua convicção, por volta de 180 A.D., está formada: o autor do Apocalipse foi João, o apóstolo de Jesus Cristo, cujo escrito teve lugar ao final do século primeiro, no final do reinado de Domiciano. Domiciano nasceu no ano 51, era filho de Vespasiano e irmão de Tito; morreu assassinado em 96 em Roma, e seu império ocupou o tempo entre 81 e 96.

Hipólito de Roma (c.170-c.236), cujo testemunho em favor da autoria Joanina já vimos, não especifica datas para o escrito. Contudo, no que afirma sobre o assunto, fornece um dado que não deixa margem de dúvida: diz ele que João viu, *quando na ilha de Patmos, uma revelação dos impressionantes mistérios, os quais ele reconta livremente, e torna conhecidos de outros.*¹⁶⁵ A investigação histórica não permite encontrar-se a estada de João em Patmos, no seu exílio, noutra época senão na fase final do governo de Domiciano, o que teria ocorrido por uns dezoito meses entre 92 e 96.

Eusébio de Cesareia (c.265-339) escreveu sua *História Eclesiástica* entre 313 e 326. Da citação anteriormente já transcrita neste ensaio, Eusébio confere credibilidade ao que Irineu testificou sobre o tempo da autoria joanina do Apocalipse. Segundo seus registros, o imperador Domiciano tratou a muitos com grande crueldade, e não poucos condenou à morte. Ele nos afirma que Domiciano *“tornou-se um sucessor de Nero em seu ódio e inimizade para com Deus”.*¹⁶⁶ No capítulo subsequente, ainda afirma:

Diz-se que nesta perseguição o apóstolo e evangelista João, que ainda estava vivo, foi condenado a morar na ilha de Patmos em consequência do seu testemunho da palavra divina. Irineu, no quinto livro de sua obra *Contra as Heresias*, onde discute o número do nome do Anticristo que é dado no chamado Apocalipse de João, fala o que se segue a seu respeito: *‘Se fosse necessário que o seu nome fosse proclamado abertamente neste momento, teria sido declarado por quem viu a revelação. Porquanto isso foi visto não muito tempo atrás, mas quase em nossa própria geração, no final do reinado de Domiciano.’*¹⁶⁷

Para justiça à verdade, deve ser dito que há quem defenda uma interpretação diferente dos registros de Irineu e de Eusébio: teriam eles se referido apenas à longevidade de João, mas não à autoria do Apocalipse. Quem assim advoga coincidentemente advoga também autoria do Apocalipse em

¹⁶⁴ Irineu de Lion, *idem*, Livro V, 30.3. *Apud ibidem*.

¹⁶⁵ Hipólito de Roma, *Tratado Sobre Cristo e o Anticristo*, capítulo 36. *Apud ibidem*.

¹⁶⁶ EUSÉBIO DE CESAREIA, *op. cit.*, Livro III, capítulo 17.

¹⁶⁷ *Idem*, capítulo 18.

tempos que antecederam a queda de Jerusalém, no ano 70. Essa interpretação quanto ao que nos deixaram Irineu e Eusébio é muito antinatural e forçada: pretende encaixar, a qualquer custo, a autoria do Apocalipse nos dias de Nero, porque está, em geral, refém da ideia de que Nero seja o Anticristo, a besta do Apocalipse. A própria leitura dos testemunhos conduz naturalmente à percepção da data posterior, isto é, dos dias de Domiciano, no final do primeiro século. É com esta percepção que se identifica a grande maioria dos estudiosos confiáveis.

Uma área de estudo de evidências externas tem tomado grande vulto em tempos mais recentes: as pesquisas arqueológicas no setor da numismática. A vaidade dos imperadores romanos dos três primeiros séculos, aliada ao culto de si mesmos que eles promoviam e alguns até impunham, está sendo cada vez mais evidenciada nas descobertas de moedas daqueles tempos. Essa vaidade contagiou a muitos no império, especialmente cidades da Ásia Menor que passaram a ser consideradas *neokoroi* dos imperadores cultuados. *Neokoroi* é palavra grega, plural de *neokoros*, que significa “guardião do templo”. A palavra aparece em Atos 19.35, em que Lucas narra a reivindicação do escrivão da cidade de Éfeso. Referiu-se ele, no alvoroço suscitado pelo ourives Demétrio, à cidade de Éfeso como a guardiã (*neôkóron*) do templo de Artemis (Diana). De acordo com uma das maiores especialistas contemporâneas no assunto, foi com César Augusto que teve início a prática de se erigirem templos em devoção à figura divina do imperador, designando-os *neokoroi*; em devoção àquele imperador, coube a Pérgamo o pioneirismo como *neokoros*.¹⁶⁸ Havia grade rivalidade entre as três principais cidades da Ásia Menor – Éfeso, Pérgamo e Esmirna – no tocante a despontar como *neokoros* dos templos dedicados aos imperadores. Isto conferia prestígio às cidades junto a eles. A numismática romana contemporânea, além do próprio legado nas ruínas da cidade, revela que Éfeso, por exemplo, era *neokoros* do templo dedicado a Domiciano e ali o culto àquele imperador se tornou proeminente, apaixonado. Uma escultura de Domiciano, de 5 metros de altura, foi erigida na cidade. É possível juntar as peças da pesquisa arqueológica – hoje mais do que nunca – e constatar quão irado deve Domiciano ter ficado, mais do que Demétrio contra Paulo, pela ameaça que o apóstolo, em Éfeso, representou ao culto à sua figura imperial “divina”. Contudo, nosso espaço aqui não permite aprofundamento nesta pesquisa.

Há outros testemunhos em favor da autoria joanina em tempos de Domiciano. Mas há, também, não poucas defesas de que tenha sido antes. A exiguidade de espaço neste breve ensaio não permite esgotar-se a investigação. O que aqui é suscitado parece ao ensaísta suficiente para dar força ao diagnóstico: João, o apóstolo mais longevo de Jesus, que assistiu à igreja de Éfeso em seu final de vida, após o exílio em Patmos, e que faleceu por volta do segundo ano de

¹⁶⁸ BURRELL, Barbara. *Neokoroi: greek cities and roman emperors*. Leiden: Brill Academic Publishers, 2003, p. 275.

Trajano, escreveu o Apocalipse a partir de visões e revelações que teve quando naquele exílio. Isto coincide com a fase final do imperador Domiciano, ou seja, entre 92, 93 até 96, quando este recrudescer suas ações restritivas e imposições de exílios.

É justo que se diga que pesquisadores modernos têm refutado a tese de que Domiciano tenha sido o segundo maior perseguidor de cristãos, depois de Nero. A ausência de dados sobre isto nos principais historiadores romanos daqueles tempos, vale dizer, Suetônio, Tácito e Plínio, é um dos mais fortes – embora não único – dentre os argumentos. No entanto, o historiador romano Cassius Dio (c.165-c.235), que foi também senador, consul e proconsul, e filho de senador, pinta um retrato lúgubre sobre Domiciano; a Epítome 67 (Vol 8) de sua obra em 9 volumes, se dedica àquele imperador e dele fala como alguém *“notoriamente paranóico e cruel”*:

Domiciano era não apenas ousado e irado de maneira rápida, mas também era traiçoeiro e reservado; e assim, derivando dessas duas características, a impulsividade, por um lado, e a astúcia, por outro, ele frequentemente atacava as pessoas com a violência repentina de um raio e novamente as feria como resultado de uma deliberação cuidadosa... Não havia nenhum ser humano por quem ele sentisse qualquer afeição genuína, exceto por algumas mulheres; mas sempre fingiu se afeiçoar à pessoa que, naquele momento, mais desejava matar... Ele era tão traiçoeiro mesmo para com aqueles que lhe mostravam algum favor ou que o ajudavam em seus mais revoltantes crimes que, sempre que alguém lhe fornecia grandes somas de dinheiro ou supria informações falsas contra um grande número de pessoas, ele certamente as destruiria, sendo especialmente cuidadoso ao fazê-lo no caso de escravos que deram informações contra seus senhores... Ele se colocou a tirar do caminho muitos dos destacados homens, sob muitos pretextos diferentes, alguns por meio de assassinato e outros por meio de banimento... Pois ele até mesmo insistiu em ser considerado um deus e tinha vasto orgulho de ser chamado de ‘mestre’ e ‘deus’. Esses títulos foram usados não apenas em discursos, mas também em documentos escritos.¹⁶⁹ (tradução nossa).

Também este controverso tema será evitado neste breve ensaio, pois demandaria grande desvio de objetivos. Este ensaísta segue outros eruditos que consideram que, a despeito dessa revisão histórica, não se diminui toda a forte evidência em favor da datação no tempo do último imperador da dinastia flaviana, como a presente exposição indica.

¹⁶⁹ DIO, Cassius. *Dio's roman history*, vol. 8, London: William Heinemann Ltd., 1955, p. 317-319, 329-331.

Leitores Primários do Apocalipse

As sete epístolas dos capítulos 2 e 3 são um bom indicativo dos destinatários primários do Apocalipse: as igrejas de sete cidades da Ásia Menor. Mas esse indicativo já se evidencia antes, com o versículo 4 do primeiro capítulo. Ali, o autor já saúda aquelas sete igrejas. No verso 9, logo a seguir, o tom do apóstolo é o de quem fala diretamente àquelas comunidades, como se fossem um só agrupamento: *“irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus...”*. A palavra de bênção constante no último versículo do livro parece desfechá-lo como se desfecha uma epístola, à semelhança do que fez Paulo em algumas de suas cartas. Portanto, parece indisputável que o Apocalipse tinha endereço primário naquelas sete igrejas.

De acordo com os estudiosos, é altamente improvável que as igrejas daquelas sete cidades já estivessem constituídas e de algum modo estruturadas em décadas medianas do primeiro século. Paulo deu início à pregação em Éfeso pouco tempo antes (ou ao tempo) do início do império de Nero: este se iniciou em 54. A palavra dura dirigida a Éfeso (*“esqueceste o primeiro amor”*) não se encaixa tão bem para aquela igreja naqueles anos iniciais, quanto se encaixa para o tempo em que João lá esteve, mais ao final do século.

A igreja de Laodiceia é considerada ironicamente como uma igreja rica, autossuficiente. O mais provável é que Laodiceia tenha sido evangelizada ao tempo em que também Colossos o tenha sido. Assim, ao tempo final do período de Nero (68), há muito menores probabilidades da gabada autossuficiência de Laodiceia, do que bem depois.

A exigência de culto à figura *“augusta”* do imperador parece ter-se intensificado pelos caprichos de Domiciano, especialmente nos quatro últimos anos de seu reinado, que terminou em 96. Como já mencionado, Éfeso era a guardiã (*neokorios*) do culto e do templo dedicado a Domiciano. O apóstolo João, já ancião, passou a ministrar em Éfeso posteriormente à morte, em fins da década de 60, de Pedro e Paulo.

Aliando-se as percepções sobre os destinatários primários percebidos no texto, com as circunstâncias históricas do ministério de João em Éfeso, e os dados já construídos sobre a mais provável data para o Apocalipse, reforça-se a tese preferida pela maioria dos estudiosos: João, exilado na ilha de Patmos por Domiciano nos anos 90, recebeu as revelações do Apocalipse, escreveu-as tal como o anjo lhe comunicou, e endereçou seu escrito às sete igrejas da Ásia Menor. É a tese preferida pelo autor deste breve ensaio.

Conclusão e aplicação

O apóstolo Paulo ensina que os alvos da profecia são edificar, exortar e consolar (1Co 14.3). Isso também se aplica, por óbvio, ao Apocalipse. Então, o objetivo maior do livro é proporcionar edificação, exortação e consolação aos

leitores tementes a Deus: de início, os primários; posteriormente, aos de todas as eras e lugares. Edificação, face à ignorância, à imaturidade e a estultícia humana; exortação, face ao erro, ao pecado, à incredulidade, à apostasia; consolação, face à adversidade, ao sofrimento e até a perseguição, seja ela por que modo for. A adequada situação do livro no seu contexto fornecerá o melhor pavimento para essa caminhada hermenêutica.

Os episódios, os dramas do Apocalipse, giram em torno da conflagração permanente entre o diabo e Jesus, entre as hostes do primeiro e a igreja do segundo. A edificação provém do fato de que o Apocalipse prega a revelação escatológica em imagens, cores, e figuras que assumem, cada qual o seu papel nesse conflito. Paulo assevera que “a nossa luta não é contra pessoas, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Ef 6.12, NVI). O Apocalipse é a última e climática palavra profética e revelacional da Escritura que ajuda o cristão a vestir sua armadura para esse enfrentamento.

A exortação provém do fato de que cada drama, cada ameaça, cada selo, cada trombeta, cada trovão, cada voz, cada flagelo, cada “ai”, está a advertir e a lembrar o povo de Deus que aqui não é nosso lugar, que somos peregrinos, que não devemos amar o mundo nem as coisas que no mundo há (1Jo 2.15), porque este jaz no maligno (1Jo 5.19); que pertencemos, almejamos e ansiamos pela Nova Jerusalém (Fp 3.20-21).

A consolação reside no fato de que cada um de nós cedo descobre, na vida, que ela é geralmente dura, desafiadora, cheia de adversidades e sofrimentos; mas também descobre que, andando no mundo com o Cordeiro, podemos ter bom ânimo, podemos vencer o mundo, porque ele venceu o mundo (Jo 16.33). E que, por fim, seremos revestidos de glória para ver e estar com Deus (Jó 19.25-27), o que, em situação espiritualmente saudável, nos provoca sentimento como que de saudade. Como diziam os irmãos moravianos: “*Venceu o nosso Cordeiro; sigamolo!*”

Voltemos à hipotética proposta deste autor, quanto a dar título a imaginária obra sobre o Apocalipse – A Noiva e a Meretriz: assim como o casamento é a realização de um sonho áureo acalentado e almejado por uma noiva, assim a união cabal com o Cordeiro de Deus é – ou deve ser – o sonho áureo acalentado e almejado pelos fiéis que nele e por ele esperam (Fp 1.23). Aqui no mundo, passamos por aflições, sobressaltos, enfermidades, dissabores, toda sorte de adversidades; “estamos todos no mesmo barco”! Mas o apóstolo Paulo nos convida a recitar com ele Romanos 8.18-25! Pelo Apocalipse, reconhecemos: sim, estamos todos no mesmo barco; o timoneiro do nosso barco não é sádico e sabe o que está fazendo; os acidentes do percurso são sinais da chegada gloriosa!

ABSTRACT: In the present article, the author works on the isagogical elements of the book of Revelation: canonicity, authorship, objective, date, original readers, literary nature. He chooses to dedicate greater study to the issues of date and original readers, as a result of the hermeneutic principle of the historical-grammatical method. Thus, he analyzes internal and external evidences to the Apocalypse, in order to propose that the Johannine apostolic authorship, at the time of Emperor Domitian, is the best hypothesis to situate the context of the book. He concludes by proposing that the three purposes of the prophecy pointed out by the apostle Paul must also be applied to the book of Revelation, in light of the identified context, so that its interpreter may be able to produce the best explanations and applications of the book.

KEYWORD: Revelation, Prophecy, Hermeneutics, Historical-grammatical method, Introduction.

